O MAGNETIZADOR ESPIRITUALISTA

Louis Alphonse Cahagnet

Tradução: Amadeu António

(LE MAGNETIZEUR SPIRITUALISTE 1849-1850)

Lançamento de Pedras na Rua des Grès

Conforme prometido no segundo volume dos *Arcanes*, volto a abordar este caso que tanto emocionou o bairro Latino. Para cumprir essa promessa, foi necessário consultar Adèle, que, mais do que toda a polícia ou os rumores de Paris, poderia esclarecer-me acerca deste fenómeno. Como é sabido, uma casa foi assediada, durante quase um mês, por projéteis de toda a espécie. Para melhor elucidar os leitores, recorremos à edição de 3 de fevereiro do jornal *La République*, que relata o seguinte:

Um facto dos mais singulares, repetindo-se todas as noites há três semanas, sem que as mais diligentes investigações ou a vigilância mais atenta e persistente tenham conseguido descobrir a sua causa, está a agitar todo o populoso bairro da Montagne-Sainte-Geneviève, da Sorbonne e da Praça Saint-Michel. A dupla investigação, administrativa e judicial, que decorre há vários dias sem interrupção, confirma, em consonância com o clamor público, os seguintes acontecimentos:

Nas obras de demolição destinadas à abertura de uma nova rua que deverá ligar a Sorbonne ao Panteão e à Faculdade de Direito, cruzando a Rua des Grès, à altura da antiga igreja que serviu sucessivamente como escola mútua e quartel de infantaria, encontra-se, na extremidade de um terreno outrora ocupado por um salão de baile, o estaleiro de um comerciante de lenha e carvão. Este estaleiro é ladeado por uma casa de habitação de um único piso com sótãos, afastada da rua e separada das construções em demolição pelas largas escavações do antigo muro de Paris, erguido sob o reinado de Filipe Augusto, agora exposto pelos trabalhos. É precisamente essa casa que, todas as noites, se vê atacada por uma saraivada de projéteis de tal violência e volume que os danos são consideráveis: paredes trespassadas, caixilhos de janelas e ombreiras de portas partidos e reduzidos a pó, como se tivesse sido alvo de um cerco com catapultas ou tiros de metralha.

De onde provêm tais projéteis — blocos de calçada, fragmentos de construções demolidas, pedras inteiras — que, pelo seu peso e pela distância de onde são lançados, não podem evidentemente ser atirados por mãos humanas? Até hoje, não se conseguiu descobrir. Foram estabelecidas vigias diurnas e noturnas, sob a supervisão pessoal do comissário de polícia e dos seus agentes mais competentes; o chefe do serviço de segurança deslocou-se repetidamente ao local; cães de guarda foram soltos todas as noites nos arredores — nada conseguiu explicar este fenómeno, que o povo, na sua credulidade, atribui a meios misteriosos. As pedras continuaram a cair com estrondo sobre a casa, lançadas de uma altura considerável acima da cabeça dos observadores posicionados até nos telhados das casas vizinhas, parecendo provir de grande distância e atingindo o seu alvo com uma precisão quase matemática, sem que nenhuma se desviasse da sua trajetória parabólica até ao ponto invariavelmente visado.

Não entraremos em mais pormenores sobre este caso, que talvez encontre em breve uma explicação, graças à atenção que suscitou. A investigação já se estende a tudo o que possa relacionar-se com o adágio *Cui prodest, is auctor*. Recordamos, contudo, que em

circunstâncias algo semelhantes, que também causaram certa sensação em Paris — como, por exemplo, quando uma chuva de moedas miúdas atraía os transeuntes à Rua Montesquieu, ou quando todas as campainhas de uma casa na Rua de Malte eram acionadas por uma mão invisível — jamais se conseguiu chegar a uma explicação, uma causa primeira, por mais que se procurasse. Esperemos que desta vez se consiga um desfecho mais claro.

No dia 10 de fevereiro, *La Démocratie* informava:
Desde domingo à noite, os misteriosos projéteis deixaram de cair sobre a casa do comerciante de lenha da Rua Neuve-Cluny. A curiosidade pública foi tão intensamente despertada pelo relato deste drama fantástico publicado nos jornais, que foi necessário o uso da força armada todos os dias e noites para conter as multidões. As pedras e outros detritos de construção, inicialmente atribuídos a fantasmas ou santos irritados com a destruição do convento e da igreja sobre cujos alicerces passará a nova rua, cessaram assim que a polícia posicionou sentinelas em todos os pontos e, além disso, já não restavam vidraças por quebrar.

Pode avaliar-se a inteligência desses projéteis pelo seguinte facto: nos primeiros dias, a cobertura em zinco de um barracão do estaleiro tornou-se alvo preferencial dos lançamentos. Temendo que cedesse sob o peso das pedras, o proprietário cobriu o telhado com tábuas que permitiam que os projéteis rolassem sem causar danos. A partir daí, a artilharia misteriosa passou a visar a casa, onde ainda havia vidros e espelhos por estilhaçar. Depois de se colocarem pranchas nas janelas, os artilheiros pareceram perder o rumo e cessaram fogo.

A polícia, ao que tudo indica, está no encalço dos culpados. Foi dada ordem rigorosa para os apanhar em flagrante delito e essa ordem está a ser executada com firmeza.

Mas estará provado, a partir destes dois artigos, que pedras — grandes ou pequenas — eram efetivamente lançadas, em intervalos indeterminados, contra uma casa, atingindo unicamente essa e não ferindo ninguém? Esse facto foi confirmado? Toda a força policial e cem mil curiosos puderam verificar, durante um mês, que homens postados até nos telhados viram as pedras lançadas a grande altura por cima das suas cabeças, atingindo com uma precisão que nenhuma máquina ou força humana poderia alcançar.

E que diz *La Démocratie*? Que se está no encalço dos culpados e que tudo está terminado. Se precisaram de um mês para encontrar vestígios, não avançam com grande celeridade; se estão na sua pista, haverão de os encontrar, e se os encontrarem, julgá-los-ão. Pois este caso constitui um atentado contra a propriedade e contra a paz pública e, para que se pronuncie justiça, será necessário que esses culpados sejam postos em condições de provar que o são, repetindo perante as autoridades tal artifício que desafia todas as leis conhecidas da física — e que tanto comprometeu, durante um mês, a reputação dos nossos sábios, apoiados na sua ciência, por duzentos polícias, dois batalhões da guarda móvel e milhares de cidadãos, sem que conseguissem descobrir de onde provinham pedras que pareciam cair do céu, descrevendo uma curva que desmente todas as leis conhecidas da física, para entrar precisamente por uma janela, sem ferir ninguém entre os muitos curiosos que se encontravam junto a ela, e destruindo móveis no interior da casa.

Oh, senhores magistrados, deveis essa prova à expectativa dos sábios e dos ignorantes. Foi curioso ouvir o bom povo afirmar: "Isto é física, é química". Pois bem, na primeira hipótese, convidamos o senhor Philippe e os seus ilustres confrades a demonstrar esse feito. Na segunda, talvez o senhor Dumas tenha dado óleo de rícino a Vénus, o que a terá perturbado. Pobre povo! Pobres sábios! Diante da vossa Sorbonne, no centro das vossas escolas, perante esta juventude incrédula e estudiosa, na cidade que considerais a mais iluminada do mundo, um fenómeno destes vos deixa cegos — e só um mês depois, quando tudo está terminado, respondeis: "A polícia está no encalço dos culpados". Sois como crianças medrosas que só recuperam a coragem quando o perigo já passou.

Lanço-vos o desafio, eu, espiritualista, de esclarecer este caso de forma clara e de me provar, por experiência, o que se passou — e nas mesmas condições. Enquanto estais a seguir pistas, eu interroguei a minha clarividente. E, mesmo correndo o risco de provocar o vosso escárnio, partilho convosco o que ela revelou. Não é menos válido do que aquilo que dizeis.

Sessão de 12 de fevereiro de 1849

Adèle segura uma das pedras misteriosas, que aplica contra a testa, e diz: "Onde estou? Oh, meu Deus! Que vejo eu?" Vê uma igreja sob a qual existem vastos subterrâneos, onde se agita uma massa de espíritos — monges falecidos, de longas vestes, rostos austeros, olhares baixos. São esses mesmos espíritos que lançaram as pedras e que desejam continuar a lançá-las. Não está terminado. Ela vê quatro deles ocupados com alquimia, rodeados de cadinhos, alambiques e frascos diversos; são magros como esqueletos vivos. Por que lançam estas pedras? Porque foram perturbados com todas as alterações materiais naquela zona. Todo o objeto material possui um tipo espiritual; perturbar um é perturbar o outro. O desequilíbrio na massa material desencadeia perturbações na massa espiritual. Esses quatro estão particularmente furiosos, acreditando ainda poder fabricar ouro. Não são felizes... Esperam... Eram homens egoístas e duros, encontram-se em esferas húmidas e pesadas. Desejam permanecer ali (com ironia)... e receio bem que ali fiquem ainda alguns milhares de anos, antes de conseguirem fabricar ouro.

Vejo uma grande fornalha com um alambique, ao qual está ligado um longo tubo circular que conduz a outro alambique, cujo tubo retorna ao primeiro. É deveras curioso... Dentro desses alambiques parece haver água... Não sei de onde provém essa água... julgo que seja orvalho... Possuem também um pó... Vejo um deles, em particular, com uma barba extremamente comprida... esfrega as mãos, acredita que irá conseguir.

Aconteceram ali coisas muito negativas; tratam-se de alquimistas impuros, pertencentes a uma sociedade imensa, e, se aquilo que tramam tiver êxito, não será o fim — haverá algo ainda mais poderoso. Pois, sendo perturbados, revidarão com igual perturbação. — De onde retiram as pedras? — Das demolições; podem obtê-las em qualquer lado. — Consegue-se ver bem as pedras a cair, mas não seria lógico vê-las também elevar-se da terra? — A pedra que têm na mão torna-se invisível, consoante o seu desejo; só se vê quando é lançada. É como quando um espírito desloca um móvel: este pode tornar-se invisível durante o trajecto, sendo visível apenas no lugar onde é depositado.

Estes homens eram muito instruídos, consideram-se filósofos herméticos, e ainda vivos na Terra, mas, em virtude da sua suposta potência alquímica, acreditam estar espiritualizados pela sua medicina e, por isso, terem o direito de ver a seu bel-prazer, tanto neste mundo como no outro.

O que mais me surpreende é que o fogo sob o alambique não possui chama; não vejo lenha, nem carvão, nem azeite. É extraordinário. O fundo do alambique assenta sobre areia, e sob esta há apenas todo o tipo de sucata metálica; aquilo assemelha-se a uma espécie de polpa espessa como cimento, mas mais escura. É esta substância que constitui o seu fogo — um fogo que não queima os dedos.

Está tão escuro e húmido neste subterrâneo, que te peço que me acordes, pois estou fatigada.

Sessão de 13 de Fevereiro

Peço a Adèle que complemente as informações fornecidas na última sessão, se possível, sobre o interior daquele subterrâneo. Ela responde: continuo a ver os quatro monges; são velhos e extremamente magros, de olhos encovados, testa vincada, expressão dissimulada, devotos e malévolos. Vestem longas túnicas castanho-escuras, erguidas de lado por uma corda; não usam calças, apenas uma camisa comprida, meias até acima dos joelhos, sapatos com fivelas, largos à frente e altos atrás. Os cabelos são longos e bem aparados, mas não se vêem à frente; usam um chapéu ou uma boina com pontas, de formato singular e cor acastanhada, ornamentado com duas tiras — uma na parte superior e outra na inferior — que teriam sido brancas, mas agora parecem sujas. Usam um colarinho muito pequeno, com dois dedos de largura, branco e dobrado, de pontas extremamente aguçadas.

O local que habitam é lúgubre, repleto de crânios e um número infindável de frascos como nunca vi; são arredondados como balões, afunilando até um gargalo muito estreito e curto. Vejo ainda aquela espécie de fornalha, sobre a qual estão os dois instrumentos de química, cujo topo não é arredondado como os nossos cucúrbitos actuais; pelo contrário, são relativamente planos. Os bicos por onde a matéria se destila são muito longos, entrecruzam-se e vertem o produto no cucúrbito oposto. Existe uma espécie de entrada em forma de funil, na qual se encaixa a extremidade desses tubos, permitindo o escoamento da destilação em cada utensílio.

Vejo hoje, tal como ontem, que por baixo existe verdadeira sucata metálica — é esse o seu fogo. Esses homens não sabem que estão mortos; acreditam que o "grande todo" (nome que dão à sua medicina universal), de que ingeriram, os espiritualizou, tornando-os imortais e conferindo-lhes total domínio sobre espírito e matéria. Têm, pois, a faculdade de ver a matéria.

Estes homens estão profundamente irritados com as perturbações causadas pelas demolições e construções; como vingança, lançam pedras que podem tornar invisíveis enquanto as seguram, como já te disse. Atacam preferencialmente aquela casa porque está edificada sobre parte do seu subterrâneo. Estão firmemente decididos a continuar a sua "projecção", pois tal diverte-os e vinga-os. Não se limitarão à casa actualmente visada, a

menos que se decidam a mudar de local de habitação. O lugar onde se encontram foi outrora cenário de numerosas festas brilhantes e também de crimes de toda a espécie — assassinatos, raptos; estes homens utilizaram os seus conhecimentos apenas para o mal. Não acreditam em Deus; são espíritos das trevas, e exalam cheiro a enxofre...

Divulguei a descrição do vestuário desses homens, dada por Adèle, a diversas pessoas com conhecimento aprofundado das antiguidades de Paris, capazes de me esclarecer. Disseram reconhecer nesse traje o da sociedade dos Genovevenses (*Genovétains*), fundada por volta do ano 1200 e que existiu até ao século VI. Essa sociedade dedicava-se extensivamente às ciências ocultas, ao conhecimento da natureza e à filosofia hermética, possuindo uma riquíssima biblioteca. Não revelei a essas pessoas o conteúdo das sessões, o que demonstra a precisão dos detalhes apresentados por Adèle.

É, sem dúvida, na pista destas almas perturbadas que se encontram os senhores do Ministério Público. Será curioso vê-las sentadas nos bancos da polícia correccional e escutar o que os nossos "espíritos fortes" terão a dizer. Enquanto não se profere sentença, confessamos acreditar sinceramente que foram espíritos que lançaram aquelas pedras, e não máquinas de guerra nem qualquer artifício humano. Este não é o único facto do género que referiremos; temos outros, não menos autênticos e igualmente curiosos, preparados para o nosso próximo número.

Nota: Temos conhecimento de que vários clarividentes fizeram revelações semelhantes no essencial, entre os quais uma menina de 13 anos, cuja visão foi confirmada por Adèle sem que ela soubesse o que aquela criança havia dito. Adèle forneceu muitos mais detalhes, graças à sua extraordinária lucidez.

Alp. Cabagnet

Excerto das Actas das Sessões da Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas

Sessão de 5 de Março de 1849

A sessão teve início às 14 horas, sob a presidência da irmã d'Héricourt. Adèle encontra-se em estado de transe; o espírito de Swedenborg está presente. Ela pede resposta à carta do irmão D..., que apresenta ao irmão Swedenborg, a fim de que este deposite sobre ela a sua influência benéfica. Após ter mantido a carta erguida por alguns instantes, apresenta-a ao grupo e convida todos, em nome deste bom espírito, a estenderem as mãos sobre a carta, imbuídos de forte vontade de destruir a acção maléfica que obsidia o nosso irmão. Concluída esta conjuração, que teve pleno êxito, o irmão Lecocq solicita a Adèle que submeta ao irmão Swedenborg as seguintes questões:

1. O espírito pode ser alterado pela matéria?

— Não. O espírito é indivisível e não pode sofrer qualquer alteração.

2. É a alma ou a matéria que sofre durante a doença?

É a matéria que sofre, por via da sua alteração; mas a alma apenas sente essa dor como um objecto encerrado numa caixa sentiria os choques ou os golpes exteriores desferidos sobre essa mesma caixa. Apenas a caixa seria afectada; o espírito, porém, não sofre qualquer alteração.

3. Os medicamentos actuam sobre a matéria ou sobre a alma?
Os medicamentos actuam sobre a matéria e não sobre a alma.

4. A alma, contudo, também sente o sofrimento e a tranquilidade?
Certamente, ela sente tanto o sofrimento como o alívio; mas não sofre por si mesma. É a matéria que, ao entravar as suas funções, lhe causa sofrimento; pois, uma vez liberta da matéria, deixa de sentir dor ou constrangimento.

5. A loucura e as dores morais são provas evidentes da desorganização da alma e do seu sofrimento?
Não é a alma que enlouquece, mas sim os pensamentos que a envolvem, os quais desorganizam a sua acção — nada mais. Certamente, a alma sofre, mas de um sofrimento sensitivo, não de uma alteração.
— Numa resposta anterior disseste-me que a alma, no mundo espiritual, permanece sob o domínio do seu estado de loucura terrena, como te apareceu o pai Lauriot, por exemplo — retoma o irmão Cahagnet.
— Não é loucura, no sentido próprio; ela apenas encontra dificuldade, maior ou menor, em coordenar os seus pensamentos terrenos, que se mantêm perturbados. A alma, nesse estado, não é insana; apenas nos parece assim quando se manifesta, para que possamos reconhecer o estado por que passou na Terra.

Reconheces, então, que a alma em si não pode ser louca...
Certamente. A loucura provém da desorganização dos pensamentos, e a alma não pode ser desorganizada, pois é una e indivisível.
— Disseste que a matéria sofre. Tem, então, uma vida própria?
— Sem dúvida. A matéria também possui o seu princípio espiritual, pelo qual existe e sente; é esse princípio que acompanha a alma no céu, sob a forma de uma esfera, representando-lhe toda a sua vida terrena.
— Nesse caso, é o espírito dos medicamentos que cura a matéria, ou os próprios medicamentos?
— É o espírito do medicamento que actua sobre o espírito da matéria. Esse espírito não pode ser mais alterável do que a nossa própria alma, mas pode ser perturbado na sua vida de agregação, e é então auxiliado pelo espírito do medicamento. Por isso, a homeopatia é preferível à medicina convencional, pois dirige-se directamente ao espírito da matéria. Não existe partícula de matéria, por mais ínfima que seja, que não possua o seu princípio espiritual — ou, melhor dizendo, uma alma indivisível e inalterável.

O irmão Roger pergunta a Adèle o que se entende por um corpo glorioso; ela responde que é um corpo material que adquiriu as propriedades do corpo espiritual, como o poder de tornar-se invisível — o que se designa por "corpo de filósofo". O irmão observa que essa definição é precisamente a dos alquimistas.

Sessão de 19 de Março de 1849

Sob a presidência do irmão Lemoine, então presente em Paris. Adèle, em estado de transe, toma conhecimento da acta anterior na presença do espírito de Swedenborg, a fim de a corrigir caso existisse algum erro. Ela aprova inteiramente o conteúdo e fornece novas explicações, que, todavia, nada acrescentam ao já exposto acerca das sensações da alma.

Duas novas perguntas são dirigidas ao espírito Swedenborg pelo irmão Mouttet:

1. Existem no céu noções de tempo, e como são percepcionadas?

— As noções de tempo não existem no céu; trata-se de um estado em que a alma se encontra, sem que se possa assinalar fases temporais, pois ali reina um dia contínuo. Os espíritos não prestam atenção ao tempo. Aqueles que o comunicam em revelações aos espíritos terrenos são susceptíveis de erro, pois, na Terra, tinham memória das datas e o hábito de notar a passagem do tempo. No céu, privados dos mesmos meios de observação — como o nascer e o pôr do sol, os meses e as estações — enganam-se facilmente e induzem os outros em erro.

— No entanto — observa o irmão Cahagnet —, entre duas acções há uma separação que representa algum intervalo, não?

— Certamente — responde Adèle —, mas se não se observa esse intervalo, ele não é contado. Na Terra somos forçados a observá-lo, ao vermos o pôr do sol e a sucessão das estações; no céu, porém, está-se fora dessas leis do tempo: nenhum acidente o recorda ou nos força a pensar nele; não há observação possível — e aquilo que não se observa parece não existir.

2. Será contrário à moral e à fé espiritual desejar adquirir fortuna ou honras, desde que seja com a intenção de beneficiar o próximo?

— Não, pelo contrário, é um acto de caridade. Tudo o que contribui para o bem-estar da humanidade é moral.

Sessão de 2 de Abril de 1849

Presidida pelo irmão Flichy. Em transe, Adèle formula as seguintes questões a Swedenborg:

— O irmão B..., aqui presente, encontra-se sobrecarregado de angústias familiares; podeis fazer algo para suavizar a sua difícil situação?

— Que todos os irmãos orem a Deus por ele durante nove dias, e que o irmão B... reanime o seu ânimo, seja mais firme nas suas decisões, domine, pelo raciocínio, aqueles que lhe causam sofrimento. Há, nesses distúrbios, um caso de possessão, e, para vencer tal possessão, é necessário ser forte, querer firmemente expulsar os espíritos obsessores pela superioridade da linguagem e da força, se necessário. Se se grita, grite-se mais alto; se ameaçam, ameace-se também; se se é agredido, defenda-se e subjugue-se o agressor.

O irmão B... pergunta se existem espíritos superiores a quem se possa recorrer com sucesso em tais circunstâncias, para intercederem entre Deus e os homens, ou se é preferível dirigir-se apenas a Deus.

— É-lhe respondido que todos os bons espíritos em quem se confia podem interceder junto de Deus, transmitindo fielmente as orações; mas que, ao rezar directamente a Deus, a prece também Lhe chega e é igualmente escutada.

O irmão Duteil pergunta se existe um meio superior ao magnetismo para curar — por exemplo, a oração.
Adèle responde:
— A oração é um magnetismo divino, pois parte do coração do homem em direcção a Deus, cujos benefícios descem sobre o doente segundo a Sua vontade. É um magnetismo humano divinizado; é um raio do homem a Deus, e de Deus ao homem. A oração fervorosa, vinda de um coração cheio de amor, é superior ao magnetismo propriamente dito, pois trata-se de magnetismo divino.

Sessão de 6 de Abril de 1849
Presidida pelo irmão Gaspart.

O irmão Gaspart deseja dirigir as seguintes perguntas ao irmão Swedenborg:
1. Em que momento da vida da criança a alma toma posse do corpo?
— Imediatamente, pois já existia antes de aparecer na Terra e nunca deixa de existir; anima o feto assim que o germe é introduzido.

2. As almas que já passaram por corpos terrenos relacionam-se com aquelas que ainda não viveram materialmente e aguardam a sua vez para vir a este mundo?
— Não. Se assim fosse, estas últimas temeriam vir à Terra ao ouvir os sofrimentos relatados pelas outras. Vivem separadas, embora num mundo semelhante, destinado à felicidade.

3. Qual é a função do baço na organização humana?
— Trata-se de uma questão de anatomia, à qual não posso responder.

A irmã d'Héricourt deseja colocar, por sua vez, as seguintes perguntas:
1. Pode-se invocar vários espíritos ao mesmo tempo por uma mesma causa?
— Sim; entre os bons espíritos não existe qualquer espécie de ciúme.

2. Existem números fatais?
— Não. Sois vós que os tornais tais: entregais-vos a maus espíritos que procuram todos os meios de vos invadir, e conseguem-no ao ver-vos atribuir qualquer valor a um número. Deliciam-se com as vossas desilusões. Comportais-vos como pára-raios — atraís a sua influência, que vos perturba e consome.

Sessão de 30 de Abril de 1849
Presidida pelo irmão Lejeune.

O irmão Cahagnet pede ao espírito Swedenborg que esclareça a irmã Adèle sobre uma questão importante: nessa semana, o irmão Grosset e o seu sobrinho consultaram Adèle a propósito de assuntos de interesse, para os quais ela se tinha projectado até Nova Orleães. Estando à procura da pessoa indicada, Adèle exclamou, com o maior espanto: "Que calor que faz por lá, e muito vento! Oh, meu Deus! Saltou-me uma palha para o olho!" Os presentes riram-se da situação, mas Adèle pediu ao irmão Cahagnet que tivesse a amabilidade de lhe abrir as pálpebras e retirar a palha que a incomodava horrivelmente. O

irmão assim o fez de imediato, não encontrando nada senão o globo ocular fortemente contraído, com o branco do olho intensamente injetado de sangue.

Adèle continuou a sofrer durante toda a sessão, e mesmo três horas após ter despertado, assegurando ainda sentir algo no olho, apesar de nada ter sido encontrado. O irmão Cahagnet, constatando que as pálpebras estavam convulsivamente cerradas, não podia admitir a possibilidade da introdução de um corpo material durante o transe. No entanto, também não sabia o que pensar do sucedido, pois, se a impureza tivesse estado no olho antes do sono de Adèle, como seria natural supor, ela não teria sido capaz de suportá-la nem de adormecer, dado a sensibilidade daquele órgão. Assim, para formar um juízo fundamentado, procurou esclarecer-se sobre o fenómeno, aproveitando a presença de um espírito superior.

Adèle, interrogada de novo, respondeu que de facto recebeu uma impureza material no seu olho espiritual, enquanto este estava separado do corpo material e percebia à distância o que se passava em Nova Orleães. Descreveu ter-se encontrado envolta numa nuvem de poeira que girava em espiral à sua volta, como uma tromba durante um furacão. Essa poeira continha palhas de trigo, as quais, por sua vez, apresentavam pequenas pontas localizadas nas extremidades dos grãos; foi uma dessas pontas minúsculas que se agarrou ao seu olho espiritual, que, ao regressar ao seu invólucro material, introduziu essa partícula no globo ocular físico, causando-lhe um incómodo persistente devido ao atrito entre as duas substâncias — a espiritual e a material.

Adèle afirmou que esta explicação, que lhe foi comunicada por Swedenborg, é verídica. Este último acrescentou: "Recordai que, há algum tempo, quando recebestes uma insolação no México, foi o vosso corpo espiritual que a sofreu, transmitindo-a ao corpo material, no qual permaneceram as marcas visíveis durante dois dias, mesmo sem este ter saído do quarto, e com chuva a cair no exterior — o que impossibilitava esse fenómeno. Se, pois, o corpo espiritual foi capaz de transmitir uma insolação ao corpo material, deixando-lhe sinais visíveis durante 48 horas, então também poderá ter trazido uma impureza material do local visitado. Acreditai, o corpo espiritual é de natureza idêntica ao corpo material e, nas vossas visões à distância, está efectivamente separado, encontrando-se inteiro nos lugares que visita." E conclui: "Se esta explicação não é admissível segundo os critérios do estado em que viveis, é todavia perfeitamente racional no seu próprio domínio."

(Continuação no próximo número.)

Excerto das atas das sessões da Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas (Segundo Artigo – Continuação)

Sessão de 25 de Junho de 1849

1. Os espíritos ainda ligados ao corpo material estão em comunicação com sociedades espirituais, conforme Swedenborg escreveu na sua obra *O Céu e o Inferno*?
— Sim, mas não de modo plenamente ordenado; o espírito ainda terreno de Swedenborg,

enquanto na Terra, podia comunicar-se com a sociedade espiritual à qual haveria de pertencer após a sua partida deste mundo. Porém, os espíritos em geral, no nosso estado, vagueiam de sociedade em sociedade, sem saberem a qual pertencem verdadeiramente. Só depois de libertos da matéria reconhecem aquela que lhes é própria.

2. Swedenborg emprega frequentemente o termo "Senhor" nos seus escritos, referindo-se a Cristo como se fosse realmente Deus. Manteve essa ideia?
— Não; reconhece que o termo "Senhor" se aplica a Deus em si mesmo, e que Cristo não é Deus. Swedenborg reconhece, pois, o seu erro nesse ponto.

3. O que lemos nas obras de Swedenborg acerca do sentido espiritual da Bíblia é totalmente exacto?
— Não. Ele era protestante, muito dedicado ao culto que professava, e essa devoção influenciava fortemente as suas ideias, levando-o por vezes a confundir-se e a errar.
— És efectivamente instruída por Swedenborg ao responderes isto?
— Sim; ele já me disse isso antes e acaba de o reafirmar.

4. Quando pensamos intensamente num espírito e lhe falamos com afecto, esse espírito ouve-nos e responde sempre, às vezes, ou nunca?
— Responde-nos às vezes, consoante o estado em que se encontra a nossa alma no momento da comunicação. Se a alma estiver plenamente envolvida naquilo que faz, se agir com amor, fervor e entrega, então sente algo que a comove e lhe toca o coração — uma sensação de paz e satisfação —, o que significa que foi ouvida e está envolta pela esfera do espírito a quem se dirige. Caso contrário, será mais ou menos escutada, e a ligação será mais ténue.

Sessão de 23 de Julho de 1849
As perguntas mal tinham terminado quando Adèle soltou um grito de surpresa ao ver o espírito de Swedenborg apresentar-lhe o doutor Ledure, falecido de cólera a 11 de Junho. Ela diz: "Ele está exatamente igual — com o mesmo ar pensativo, os mesmos gestos, traje e atitude...". Segundo Adèle, ele declarou que o seu único pesar era não ter assistido a nenhuma sessão, e que, precisamente no dia em que faleceu, pretendia comparecer numa. Isso ocorreu a 11 de Junho, às 22h05 — data e hora que se verificaram exactas. Nem Adèle nem os irmãos e irmãs presentes tinham conhecimento deste pormenor.

Adèle continua: "Ele continua dedicado à homeopatia; mostra-me a sua caixa de glóbulos e diz que me dará alguns quando eu estiver indisposta. Serão glóbulos espirituais, muito melhores — e eu aceito tomá-los."
— Está consciente do seu estado?
— Não totalmente; diz-me: 'Mas eu não estou morto!' O espírito de Swedenborg tem dificuldade em fazê-lo compreender isso, embora ele já saiba que deixou de existir materialmente.

Pergunta-se então se o espírito de Swedenborg procederá do mesmo modo com cada um de nós após a nossa partida deste mundo.
— Certamente. Não sois vós seus discípulos? Não partilhais vós das suas crenças? Ele interessa-se por vós e jamais vos abandonará.

Como soube o espírito de Ledure que hoje era dia de reunião?
— Não é de estranhar: costumava vir todos os dias, mais de uma vez até; era natural que nos encontrasse reunidos. Além disso, desejava muito estar presente — e foi Swedenborg quem o atraiu. Ele não poderia deixar de nos ver.

— Foi realmente ele quem te apareceu naquele sonho?
— Sim, era ele mesmo; rondava sempre por aqui, à minha volta.

— Encontra-se envolto numa luz brilhante?
— Sim, está no primeiro raio, cuja luz é muito mais bela do que a que vemos, mas ainda inferior à do segundo, e esta, por sua vez, inferior à do terceiro — a mais resplandecente. Quando se está nesse grau, já não se vêem outras luzes, pois torna-se-se luz em si e está-se dentro da luz. Acreditar que se está na luz é estar no mais perfeito estado.

Adèle comenta ainda: "Não quero mais ver o espírito de Ledure nesse corpo. Ele tem uma alma muito bela — diz-me o espírito Swedenborg — quero vê-lo na sua forma verdadeira; esta é demasiado disforme."
— Reconheço ainda o seu nariz comprido, que segura com a mão, como costumava fazer, como se o fosse alongar mais uma vez (Adèle imita o gesto), e admira os seus pequenos pés, dizendo: 'São mesmo os meus pezinhos.'"

Como não era possível interrogar o espírito de Ledure, por estar ainda demasiado recentemente desmaterializado, a irmã d'Héricourt encerrou, perguntando-lhe se lhe agradaria que o seu irmão rezasse por ele. Ele respondeu: "Sim, mas orações naturais. Recomendo-me também às preces dos meus irmãos e irmãs."

Na mesma sessão, o espírito de Swedenborg "espiritualizou" o reservatório, convidando todos os presentes a magnetizá-lo simultaneamente consigo. Todos o fizeram, segurando com uma mão uma fita condutora de lã e, com a outra, conduzindo o fluido para o referido reservatório, assim descrito: no seu interior existiam quatro compartimentos, contendo cada um três espécies de plantas. Ao centro de cada compartimento, havia um condutor de ferro que atravessava a tampa, curvando-se na extremidade para formar um pequeno gancho, ao qual se ligavam fios condutores de lã branca. Esses condutores de ferro tinham cerca de um metro de comprimento e meio centímetro de diâmetro. Ao longo de cada condutor, estavam enrolados em espiral um fio de algodão vermelho e um fio de linho da mesma espessura.

M. Alexandre Mouravie, príncipe russo, perguntou a Swedenborg, através de Adèle, se é certo que a alma não regressa à Terra para animar outro corpo material.
Adèle respondeu afirmativamente: a nossa prova terrena está concluída, as impressões adquiridas; este breve percurso na Terra basta para ser recordado por toda a eternidade, sem que se deseje habitá-la novamente — o que, aliás, seria contrário às leis de Deus. Os estados da alma sucedem-se infinitamente, mas nunca se repete o mesmo estado.

M. Mouravie contrapôs que outros sonâmbulos afirmam o contrário; uma deles disse-lhe que fora, numa vida anterior, Sully, ministro de Henrique IV, e que tinha visto um retrato de Sully cujo perfil se assemelhava bastante ao seu.
Adèle respondeu: os sonâmbulos que afirmam tais coisas estão em erro; podem ser influenciados pelas ideias dos magnetizadores, cuja vontade pode, com espantosa facilidade, atrair até eles o objecto a que se referem na pergunta. Além disso, o espírito pode assumir instantaneamente qualquer forma que deseje, o que leva o magnetizador a crer que foi esse sujeito; o sonâmbulo partilha do erro ao ver o que o outro vê.
Outra causa possível é que o próprio sonâmbulo acredite nisso, e, desejando sê-lo, vê-se como tal e transmite essa visão errada à pessoa presente. Há ainda os espíritos brincalhões, que se deleitam com a nossa ignorância, e podem apresentar imagens falsas. As causas de erro são, portanto, inúmeras. A prova de que tal não se verifica está no facto de, até hoje, Adèle nunca ter encontrado um único espírito que sustentasse essa crença, mesmo entre os que abandonaram a Terra há séculos — todos lhe afirmaram o contrário.

M. Mouravie perguntou também a Swedenborg se manteve a crença na divindade de Cristo. O espírito respondeu que já não conservava essa ideia, a qual lhe fora inspirada pelas crenças religiosas que professava. Agora via Cristo como um homem como ele, filho de Deus, que cumprira uma missão sagrada, mas sem possuir qualquer atributo divino.

Perguntou ainda se Swedenborg continuava a acreditar que as Escrituras são divinas.
— Elas foram divinas; mas agora os homens interpretaram-nas à sua maneira, desvirtuando o seu conteúdo.
— Mas existem os originais, que atestam a sua santidade?
— Duvido muito que se possuam os originais a que vos referis — respondeu Adèle com ênfase. Mesmo que existissem, uma comparação com as Escrituras actuais revelaria grandes diferenças.
— Se as Escrituras eram divinas e sagradas, não poderiam ser alteradas, pois o que é divino é inalterável?
— Sem dúvida que o que é divino é inalterável… mas pode ser alterado pelos homens. Tal como o homem, e tudo o que Deus criou pela Sua palavra, era divino no seu estado primordial. Olhai agora e vede se tudo ainda o é.
— Mas por que razão se deu essa alteração?
— Por necessidade: trata-se de uma sucessão de modos de percepção — é útil porque existe.
— A quem serviu a alteração das Escrituras?
— Às seitas que necessitavam de as interpretar e fazê-las coincidir com as doutrinas que pretendiam estabelecer, no interesse de cada uma. Os católicos afirmam possuir as Escrituras na sua pureza; os protestantes dizem o mesmo; os judeus asseguram que são os únicos a possuí-las. Qual deles devemos crer?

Esta observação de Adèle encerrou as perguntas. Seguidamente, procedeu-se à visita de um indivíduo alucinado, apresentado pelo irmão Antoine. Mal Adèle lhe tocou a mão, recuou de súbito com um gesto de repulsa, exclamando:
— Este homem está obcecado por um espírito maligno — um homem falecido que já o odiava

em vida e que ainda o persegue. Que esfera pútrida e má o envolve! É necessário rezar por ele e magnetizá-lo.

Adèle deu conselhos nesse sentido, e voltaremos a falar desta obsessão em momento oportuno.

Resposta de um sonâmbulo à pergunta: Como explicar a previsão?
A ideia da omnipotência responde a todas essas objecções. Observamo-la, diariamente, extrair de um único tipo uma multiplicidade de formas distintas. O mesmo pensamento que, na imensidão do universo, submeteu a matéria a essas formas incontáveis, organizou-as certamente dentro das mesmas relações. Assim, os sentidos, sem mudarem de destino, podem igualmente ser modificados até ao infinito.

O único ser imutável em todos os mundos é aquele que não pode revestir qualquer forma — um ser simples, cuja essência está ligada à essência divina. Esse ser imutável e simples… é a alma.

Duteil, O Gérant. Alp. Cahagnet

Visão da clarividente do Dr. Martins

Pergunta: O magnetismo já era praticado antes da vinda de Jesus Cristo, nomeadamente entre os Egípcios?

Resposta: (Após uma breve pausa) Encontro-me numa vasta planície arenosa, onde reina um ar muito puro e saudável; a alguma distância de uma grande cidade, vejo um templo onde médicos-sacerdotes tratam doentes — são egípcios.
(Segue-se, no original de Wolfart, uma descrição minuciosa do templo, da sua arquitetura, orientação de leste a oeste, das divisões interiores e das salas.)

Ela continua: Entro num magnífico pórtico-vestíbulo, onde, ao centro do teto, vejo uma meia-lua rodeada de estrelas. No fundo do vestíbulo, há uma porta que dá acesso a uma grande sala oval, de formato semelhante ao do templo. Ao longo das paredes dessa sala, a uma distância de cerca de um pé, estavam dispostos 18 leitos para os doentes. Vejo-os deitados e adormecidos; os colchões e almofadas destes leitos estavam recheados com diversas ervas. Entre cada par de leitos, separados por cerca de 90 cm, os doentes encontravam-se deitados com os pés uns contra os outros, permitindo que se circulasse ao redor dos leitos.

No ponto onde as cabeças dos pacientes se aproximavam, estavam dispostas, conforme o formato da sala, nove colunas ocas de ferro, polidas e brilhantes, com cerca de 90 cm de altura e 8 cm de diâmetro. Cada coluna assentava sobre um tripé cheio de ervas aromáticas. Estas colunas estavam cheias de mercúrio e fechadas no topo por botões de forma arredondada. Estavam ligadas entre si por correntes de ferro polido, destacáveis de um dos lados; os elos dessas correntes tinham forma triangular, permitindo isolar ou ligar os pacientes conforme necessário. O espaço definido por essas colunas era encerrado por

estas correntes. Havia ainda uma corrente mais forte, também composta por triângulos, que percorria toda a extensão do oval formado pelas nove colunas.

Era de ambos os lados desta corrente que os doentes se sentavam, com as colunas às costas; com uma mão seguravam a corrente e com a outra um globo de ferro com um pequeno cabo, encimado por uma pequena cruz. Este globo tinha igualmente cerca de 8 cm de diâmetro, era oco e recheado com ervas.

Ao lado, os médicos-sacerdotes seguravam tubos ocos de ferro polido, também recheados de ervas, com os quais tocavam as zonas afectadas dos pacientes. (As estátuas egípcias representando os oficiantes dos templos trazem frequentemente tais tubos nas mãos.)

Estes médicos-sacerdotes tocavam a testa dos doentes apenas com o globo — sobretudo quando os pacientes estavam adormecidos. Não actuavam com pontas ou raios eléctricos positivos sobre o cérebro; usavam os globos para exercer uma acção negativa, de tipo derivativo. Removiam câimbras e espasmos através de fricções ou do contacto com o globo.

Quando os doentes estavam sentados ao longo da corrente, dois sacerdotes cuidavam deles — colocados nas extremidades da corrente, um à esquerda, outro à direita, caminhando ao encontro um do outro até ao centro, tocando a corrente com o globo e por vezes sacudindo-a para aumentar a potência do fluxo magnético. Vejo os doentes adormecidos, vestidos com túnicas brancas de linho, segurando globos; os sacerdotes também vestem túnicas brancas, cingidas por cintos. O acto médico era um acto religioso e realizava-se apenas à noite, ao luar, para os que dormiam. Os sacerdotes, votados ao celibato, tinham como sumo-sacerdote o mais velho entre eles; a sua casta elegia o rei, que recebia como insígnias um globo e um tubo como os descritos.

Além da primeira sala, existiam mais duas onde se tratavam casos particulares. Estas salas tinham duas entradas. O número nove das colunas tinha um significado especial, relacionado com uma configuração estelar do firmamento.
A clarividente afirma ainda que no Vaticano, em Roma, existem muitos relatos de factos magnéticos praticados por povos antigos, que, embora ocultos para nós, poderiam ser facilmente reencontrados.

Uma clarividente do Dr. Bendo Bendsen, sueco, afirma que o mercúrio é o mais poderoso auxiliar da força magnética.
Outros elementos usados pelos magnetizadores nos templos gregos e romanos, segundo diversas clarividentes, foram:

- Borato;
- Sabugueiro, como vara, e a sua flor;
- Loureiro de Apolo, também como vara, e as suas folhas;
- Aveleira (coudreiro), utilizada como vara e as pontas dos ramos em infusão;

- Hipericão-perfurado (*Hypericum perforatum*) — considerado planta sagrada devido ao seu poder. As flores e folhas têm acção mágica, tal como o loureiro; com elas fazem-se amuletos para afastar espíritos malignos, proporcionar visões, etc.;
- Boracite fóssil (espato) — que, segundo o químico Hauy, com apenas 2 mm de espessura, multiplica por oito os efeitos da electricidade comum;
- Para adormecer, os antigos utilizavam fumigações com folhas de loureiro de Apolo e farinha de cevada;
- Âmbar amarelo, magnetite natural, diamante (em primeiro lugar), ouro (em igualdade) — sendo o oposto do ouro, segundo J. Ennecuoser, o cérebro humano.

Não nos referimos aqui a todas as pedras naturais ou preciosas, cuja análise se encontra num outro estudo clarividente realizado por Prévost.

Consideramos interessante submeter os objectos mencionados à observação dos nossos clarividentes, a fim de determinar os modos de uso apropriados. Talvez se deva, por exemplo, adicionar ao tubo magnético flores ou folhas de hipericão, folhas ou frutos de loureiro de Apolo, alguns gramas de mercúrio num frasquinho, flores de sabugueiro, etc.

Recebei o meu afectuoso aperto de mão,
J. P. Carl

Devemos ao nosso estimado amigo Sr. Carl, de Estrasburgo, a tradução do texto acima lido, bem como a cópia do plano complementar. Julgámos não dever omitir qualquer parte, em respeito pela justa curiosidade dos nossos leitores. Agradecemos publicamente ao nosso amigo por esta generosa partilha e por tantas outras que devemos ao seu saber. Que o mundo magnético encontre sempre o apoio que nós temos encontrado em todos os sectores da sociedade!
Alp. Cabagnet

Actas da Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas (3.º Artigo – Continuação)

Sessão de 6 de Agosto de 1849

Mal Adèle entrou em transe, manifestou-se agitada pela presença de alguém que via junto de si. Questionada pelo irmão Cahagnet sobre quem seria, respondeu:
— É o nosso irmão Roger, que faleceu na quarta-feira e está junto de mim. Acusa-me de lhe ter recusado uma sessão e diz que sou responsável pela sua morte.

A agitação de Adèle intensifica-se; o seu rosto enrubesce e as lágrimas correm abundantemente pelos olhos. O irmão Cahagnet tenta acalmá-la, pedindo-lhe que diga ao irmão Roger que fizera tudo ao seu alcance por ele, e que não lhe fora possível prestar assistência sonambúlica devido à descrença da sua família. Esta culpava a sociedade por ele ter assistido à última sessão, e não teria seguido nenhum dos conselhos dados. De resto, devia considerar-se afortunado por ter-se libertado de uma vida da qual tanto se queixava.

Adèle responde:
— O irmão Roger não está feliz; ainda não está orientado. Amava profundamente a Terra. As suas crenças e actos nem sempre estiveram em harmonia com os que teve nos últimos tempos. Por isso, não se purificou como devia, nem alcançou ainda um estado de plena bem-aventurança.

O irmão Cahagnet pede então que Adèle convoque o espírito de Swedenborg, para tentar colocar o irmão Roger sob a sua influência e ver se é possível melhorar a sua condição. Assim que Swedenborg se apresenta, recomenda à sociedade que reze pelo irmão Roger; ele não se aproxima deste irmão, antes o afasta.
— O espírito Swedenborg expulsa-o — diz Adèle.
— Mas porquê? E como o expulsa? — pergunta o irmão Cahagnet.
— Mostra-lhe o dedo indicador da mão direita, onde brilha um anel muito belo, e fá-lo afastar-se por não possuir uma esfera pura.

— Contudo, ele fazia parte da nossa sociedade, tal como o irmão Ledure, que foi recebido com agrado por Swedenborg!
— Repito-te — diz Adèle — que o irmão Roger precisa de orações e de se purificar; não pode penetrar na esfera de Swedenborg.

— Como é feito esse anel que tanto te impressionou?
— Tem três pedras magníficas, de cores que não existem na Terra. A pedra central parece cor de aurora — digo aurora por falta de termo melhor, pois aproxima-se do fogo. A segunda apresenta todas as tonalidades possíveis de azul. A terceira é branca — mas branca como a luz do sol, de uma beleza inefável.

Essas cores têm significados simbólicos: A cor aurora representa Deus. O azul representa o horizonte, o mundo espiritual. O branco representa a luz do mundo celeste.

As três cores não formam círculos sobre a pedra, mas estão dispostas de modo específico — uma de cada lado e uma por baixo do ponto central, que é a cor aurora. Estão separadas desta última, mas unidas entre si pela base, em forma de ferradura. São longas e estreitas, como dois filetes em forma de pêra. Esse anel é usado por dois membros da sociedade à qual pertence o espírito Swedenborg, como símbolo de aliança; os espíritos inferiores não suportam a visão do anel, afastando-se imediatamente quando lhes é mostrado. A cor branca está à direita e a azul à esquerda da cor central.

Adèle afirma ainda que, segundo o próprio Swedenborg, nenhum outro espírito pode usar esse anel, o que permitirá sempre reconhecê-lo entre todos.

Ela vê novamente o espírito do irmão Ledure, falecido algum tempo antes do irmão Roger. Está junto de Swedenborg e aproxima-se para oferecer glóbulos homeopáticos a Adèle. Assegura-lhe que, se colocasse esses glóbulos nas garrafas de água que oferecemos para serem espiritualizadas por Swedenborg, a água se tornaria ainda melhor. O irmão Cahagnet pede a Adèle que pergunte a Swedenborg se tal adição não contrariaria a virtude da água; ele responde que não — os glóbulos são espirituais. Ledure dedica-se a esse estudo com

seriedade e não pode aplicá-los de forma errada, pois vê o mal e o remédio com muito mais clareza do que qualquer clarividente.

O irmão Cahagnet observa que o irmão Ledure está há pouco tempo no mundo espiritual, e admira-se de o ver já tão adiantado. Adèle responde:
— Mas este homem já era, em vida, um espiritualista de primeira ordem. Um verdadeiro homeopata não pode acreditar que é a matéria das plantas que cura; sabe perfeitamente que é o princípio espiritual que actua. O irmão Ledure estudou profundamente essa questão; estava, portanto, mais preparado do que outros para entrar no mundo que tanto estudava. Bastou-lhe saber, pela boca de Swedenborg, que havia entrado no mundo espiritual para imediatamente se orientar. Ele quer que eu tome um glóbulo de *Veratrum*, diz que me fará bem às cólicas. Mas eu não tenho cólicas — responde Adèle. O irmão Cahagnet recorda-lhe que ela se queixa disso há muito tempo, o que a decide a tomar o glóbulo proposto.

Adèle afirma que o irmão Ledure seria de grande auxílio para os médicos homeopatas e poderia oferecer-lhes conselhos muito úteis. O nosso irmão Freschi, médico, propõe-se estudar esta questão com o irmão Ledure, enquanto homeopata.

O irmão Blesson adormece o seu sonâmbulo, o Sr. Lemoine (Charles); a irmã Lévi deseja entrar em contacto com ele, mas isso não é possível — o sonâmbulo manifesta espasmos e mal-estar sempre que esta irmã lhe toca na mão. A irmã Sallard tenta, por sua vez, estabelecer contacto; ele não reage com os mesmos efeitos físicos, mas no momento de consultar essa senhora, o clarividente afirma que o seu anjo lhe proíbe de o fazer — por não ser membro nem sonâmbula da sociedade, não deve consultar antes de ser admitida no seu seio. Ele então retira a mão, ajoelha-se, ergue as mãos ao céu e parece agradecer ao seu anjo, numa postura simultaneamente humilde e nobre.

APARIÇÕES E VISÕES À DISTÂNCIA

Comunicações de M. Duval, de Nantes (continuação)

Continuação da sessão anterior

M. Bywouet pergunta ao sonâmbulo:
— É verdade que os comediantes estão condenados, como alguns querem fazer-nos acreditar?

Resposta:

— Não. Há mais padres condenados do que comediantes.

Pergunta:

— Mas por que razão, então, não dizem missa todos os dias, não comungam? Não estão em estado de graça todos os dias?

Resposta:
— Sim, mas em geral são demasiado viciosos e hipócritas. O vinho e as mulheres — eis os seus amores dominantes.

Bywouet propõe:
— Desçamos suavemente aos abismos.

Resposta:
— Já cá estamos... E não é nada bonito.

Pergunta:
— Consegue reconhecer, nesse lugar de trevas, algum dos nossos familiares ou amigos?

Resposta:
— Não consigo encontrar ninguém; todos fogem de mim, é impossível vê-los.

Pergunta:
— Quero que se voltem para si, para que os possa ver.

Resposta:
— Sim, eles voltam-se e tornam a voltar-se com rapidez, de modo que não se distinguem os traços.

Pergunta:
— Vê mulheres?

Resposta:
— Sim, mas elas fogem quando me aproximo, e não consigo distinguir os seus rostos.

Pergunta:
— Em que se ocupam essas mulheres?

Resposta:
— Entregues às suas paixões, fazem apenas discutir-se; lutam, arranham-se, estão esfarrapadas. Entre elas vejo padres, monges, cardeais, bispos, reis e rainhas. Eis duas mulheres execráveis que me causam horror; dizem-me: "Diz ao teu Deus que nos envie homens."

Pergunta:
— Quem são essas mulheres?

Resposta:
— São Lucrécia Bórgia e a sua prima Margarida da Borgonha. Também vejo um padre do meu país, tido por santo, mas que era apenas hipócrita e libertino.

Pergunta:
— Tem medo deles?

Resposta:
— Não. Por que teria medo? Fogem e voltam-me as costas. São atormentados pela nossa

presença. Este é um lugar vil e os seus habitantes são profundamente infelizes — não vamos perturbá-los ainda mais.

Pergunta:
— Estão aí por muito tempo?

Resposta:
— Sim, para sempre. Por toda a eternidade.

Pergunta:
— Voltemos aos céus.

Resposta:
— Ah, aqui estou! Deixem-me com a minha mãe e minha irmã. Lá vêm elas ao meu encontro, de braços abertos; é uma felicidade estar com elas.

A sessão termina com o despertar do sonâmbulo por M. Bywouet.

Sessão de 28 de Dezembro de 1837
Realizada por M. Gardé, na presença de M. e Madame Bouchereau, de M. Emmanuel Comparati, médico italiano, e do seu jovem aluno Mangeaniello Vito, com apenas 10 anos e 9 meses — filho de um pastor siciliano e considerado matemático por natureza.

Depois de induzir o transe na sua sonâmbula, M. Gardé colocou o jovem em relação com ela e pediu-lhe que a examinasse e dissesse o que nela via de extraordinário.

Resposta do jovem Vito:
— Nunca vi esta pessoa… Meu Deus! Que cabeça! Como é organizada! Há nela algo de sobrenatural que não consigo descrever… É um enviado do céu; tem a cabeça de um herói. Deus, que inteligência!

Pergunta:
— Qual é a ciência que lhe é mais familiar?

Resposta:
— A álgebra e a matemática. Também gosta muito de música.

Querendo saber se a criança herdara o espírito e a inteligência dos pais, conduzi a sonâmbula até junto do pai do rapaz, que se encontrava a guardar o seu rebanho na Sicília.

Resposta:
— Oh! Que belos carneiros!... Mas aqui está o pai do jovem — é baixo, moreno... é um bruto, este homem; não devia dizê-lo, pois é um homem honesto, mas não tem inteligência. Vamos embora; não gosto da companhia de imbecis.

Pergunta:
— Quereis elevar-vos ao mundo espiritual?

Resposta:
— Quero, sim; vamos... Aqui estou.

Pergunta:
— Procurai a mãe do pequeno Vito, que faleceu há dois anos e meio.

Resposta:
— Está bem; já a vejo. É mais baixa do que eu; ainda usa o seu vestido castanho e um capucho. Era uma mulher simples, boa esposa e boa mãe; não tinha grande espírito. Está duas sociedades mais adiantada e não tardará a subir ao primeiro céu.

O jovem Mangeaniello Vito, já em 1837, percorreu as grandes cidades de França e Inglaterra — Paris e Londres — e resolvia, em poucos minutos, os problemas mais difíceis.

Experiência de M. Gardé – Sessão de 24 de Abril de 1840

Após colocar a minha sonâmbula em estado de crise, disse-lhe:

— Eleva-te ao mundo espiritual.
— Vamos... Cheguei.
— Vê se consegues encontrar alguém que tenha deixado a Terra no dia 22 à noite.
— Já o vejo: é o Sr. Ségrétier. Sabes, era um homem muito puro. Ao chegar aqui, sentiu tristeza por se separar da esposa, mas o seu anjo consolou-o, dizendo-lhe que ela não tardaria a vir ter com ele. Agora está muito feliz. Não usa uma túnica como os outros; tem uma túnica branca, mas ainda não tem cinto. O anjo disse-lhe que em breve subirá a um plano superior.

— Pergunta-lhe o que queria dizer-me quando me acenava com o dedo.
— Queria dizer-lhe para guardar o retrato de Mesmer e os papéis que lhe pertenciam; não podia falar. Queria também deixar uma recordação ao Sr. Charef, ao Sr. Du Potet e ao Sr. Delong, mas não teve tempo. Diz que ainda teria vivido dois anos, mas que o seu médico, o Sr. Murion, o privou disso.

— Agora descamos à Terra, sem parar no mundo espiritual.
— Porquê descer? Aqui é tão bom; fiquemos.
— A nossa missão na Terra ainda não terminou; haverá tempo para ficar quando for da vontade de Deus... Vamos descer.

Sessão sobre um eclesiástico de 65 anos, por M. Gardé, médico

Após lhe fazer várias perguntas sobre a causa da sua doença e o tratamento adequado, e verificando que estava bem disposto, não resisti a interrogar-lhe sobre outros temas, sem contudo querer fatigá-lo.

— Acredita na imortalidade da alma?
— Sim.

— Para onde vai a alma após separar-se do corpo?
— Vai ao tribunal de Deus, receber a recompensa das suas boas ou más acções.

— Vamos então ver esse tribunal.
— Está bem.
— Eleva-te ao mundo espiritual.
— Já estou lá... mas tenho dores no estômago.
— Não quero que sintas dor, vou acalmar-te.

Coloco de imediato a mão sobre a região epigástrica, e a dor cessa instantaneamente, apenas pela força da vontade.

— A dor desapareceu, não sinto mais nada.
— O que vês?
— Vejo uma sala azulada, sem fim, com uma multidão imensa a chegar de todos os lados. Uns seguem para a direita, outros para a esquerda; uns cantam, outros choram. Uns estão tristes, outros felizes.

— Consegues subir mais alto?
— Não, não posso.
— Então descamos; devagar.
— Agora estou sob a Terra, em meio a vulcões.
— O que vês aí?
— Vejo cavernas em chamas.
— Há pessoas aí?
— Não vejo ninguém.
— Vamos descer mais.
— Agora vejo muitos homens a arder; o fogo é visível nos seus ossos e através deles.
— Esse fogo é igual ao que vemos na Terra?
— Não; parece gás inflamado. É horrível. Dói-me ver isto.
— Então vamos subir novamente. Deixemos essas trevas e voltemos à luz natural. Queres que te desperte?
— Sim.

Experiência de M. Gardé – Sessão de 18 de Janeiro de 1837

M. Chardonneau pai, antigo comerciante de Nantes que outrora praticara magnetismo mas nunca testemunhara experiências espirituais, pediu-me uma sessão. A sonâmbula era uma senhora de 54 anos. Após a ter colocado em transe, M. Chardonneau perguntou:

— Senhora, gostaria que tentasse ver a minha nora, que deixou o mundo terreno há cerca de dois anos.
— Eu vejo-a; não é tão alta quanto eu... Tem olhos extremamente vivos e expressivos... O seu vestido tem umas trinta manchas, pouco visíveis, já começam a desaparecer.

— Pergunte-lhe o que fez ao seu sogro, e se se arrepende.
— Ela diz que isso não me diz respeito, e que já pediu perdão a Deus; e como Deus a perdoou, está tudo apagado e deve ser esquecido. Lamenta muito tê-lo feito; não confiava no marido para lhe deixar os seus bens, por isso deixou tudo à filha. Pergunta por ela, deseja saber se está a desenvolver os talentos que lhe reconheceu, e se está a ser bem cuidada.

— Diga-lhe que sim, que está bem de saúde.
— Pergunte-lhe se permanecerá muito tempo nesse mundo.
— Ela diz que não sabe. Vou perguntar ao anjo. Ele responde que ela permanecerá por mais seis meses, aproximadamente.

— Com que se ocupa, onde está?
— Estuda o primeiro volume de Swedenborg. Pergunta também pelo seu outro filho. Parece que teve dois. Aquele não foi baptizado na Terra, mas Deus mesmo o baptizou no Céu; tem um anjo feminino que cuida dele. Está agora com Deus no Céu das Crianças.

— Vê outra pessoa que é minha sobrinha?
— Sim, vejo-a: é uma mulher lindíssima; não tardará a ascender. Pergunta-me pelo marido; quer saber se voltou a casar.
— Diz-lhe que não. Pergunta-lhe se ela própria pretende voltar a casar.
— Diz que ama demasiado o marido para não o esperar. Vejo agora uma procissão que parte em direcção ao primeiro céu.
— Segue-a e diz-nos sobre o que caminham todas essas pessoas.
— Caminham, como eu, no ar; agora estão a ser distribuídas por diversas sociedades. Como tudo isto é belo! Gostaria de subir mais alto.
— Pois então, eleva-te ao segundo céu.
— Aqui estou. A minha sobrinha, a minha mãe, a minha irmã e o meu pai! Estão todos juntos. Oh, como estou feliz! Também vejo o seu pai e a sua mãe; e o seu tio — aquele que, da primeira vez que o vi, tinha uma cicatriz na face, mas que agora já se desvanece. Estão todos tão alegres, tão contentes! O seu pai está de uma alegria contagiante. Vejo quatro senhoras a jogar cartas; uma delas está completamente viciada no jogo: é pequena.
— Pergunta-lhe o nome.
— Diz que se chama Besson.

Voltámos ao mundo espiritual e, em seguida, descemos à Terra. Como a sonâmbula estava fatigada, despertei-a de imediato.

Sessão de 19 de Março de 1837, por M. Gardé

— Diz-me, para onde vão as almas após se separarem do corpo?
— Vão ao tribunal de Deus, onde são julgadas.
— Vamos ver esse tribunal. Eleva-te ao mundo espiritual.
— Vejo uma sala azulada e infinita, onde Deus aparece em toda a sua glória.
— Vês Deus?

— Ninguém pode vê-lo. Apenas se percebem os raios da sua glória.
— Vês muita gente?
— Sim, vejo muitos a chegar de todos os lados.
— Parecem felizes com o seu destino?
— Nem todos: uns cantam e seguem alegres, outros partem a chorar.
— Para onde vão os que cantam?
— Vão para uma região superior.
— Segue-os até ao local onde se vão reunir.
— Já lá estou.
— Procura ver se encontras alguém que conheças.
— Não vejo ninguém conhecido.
— Procura a tua mãe, vê se a encontras.
— Aqui está ela, vejo-a. Está a cumprir a sua parte; o meu irmão está ao seu lado.
— A tua mãe é alta?
— Não, é de estatura baixa.
— Vê se encontras a minha filha nessa região.
— Aqui está ela. Vejo-a. É pequena e muito querida; é roliça.
— Que idade tem?
— Ainda não completou os dezassete anos. Não se envelhece no céu; mantém-se a idade com que se deixou a Terra, pois para as almas e os espíritos não há tempo nem espaço — há apenas estados.

— Sigamos agora aqueles que descem às regiões inferiores.
— Isso faz-me mal. Desperte-me, por favor.
Como não quis cansá-la, acordei-a.

Experiência realizada por M. Gardé – Novembro de 1837

(M. Gardé fala)
Madame Gros, esposa do negociante homónimo, pediu-me que perguntasse à minha sonâmbula se poderia obter notícias do seu irmão, marinheiro, a quem escrevera para o porto de Toulon, a bordo do navio *Triton*, então em missão no Levante. Como não obtivera resposta, temia que ele estivesse doente. Respondi que não prometia nada, mas que à noite iria com ela tentar estabelecer o contacto enquanto a sonâmbula estivesse em transe.

Fomos, então, à casa de M. Gros e, depois de induzir o transe na sonâmbula, perguntei-lhe se estaria disposta a fazer uma viagem pelo mar Mediterrâneo com Madame Gros, à procura do navio *Triton*, onde se encontrava o irmão dela.

— Sim, aceito. Onde está Madame Gros?
— Aqui está ela; vamos os três, mas não quero que sintas enjoo — partamos para dar a volta ao Mediterrâneo.
— Vejo muitos navios, de vários tipos; alguns estão fundeados, outros à vela — mas o *Triton* não está entre eles.

— Voltemos a Toulon; talvez já tenha regressado.
— Já estou no porto.
— Vamos ver na rada principal se está lá.

Mal partimos, a sonâmbula começa a mostrar sintomas de náusea — estava com enjoo.
— Não quero que estejas doente.
— Por pouco... Mas já estou bem. Aqui estou a bordo do *Triton*. Que bonito navio! Procuro por todo o lado o irmão de Madame Gros — mas não está a bordo.
— Vamos ao lazareto; talvez esteja em quarentena.
— Já o vejo! Lá está — de boa saúde. É um rapaz bonito, está bem-disposto, a fumar um charuto.

Madame Gros pergunta-lhe:
— Ele recebeu a carta que lhe escrevi?
— Sim, recebeu-a — mas como lhe fazia um sermão, leu-a e depois usou-a para acender o cachimbo.

— Acreditas que ele terá em breve a sua licença?
— Sim, terá ao dia 1 de Janeiro, e chegará a Nantes na primeira quinzena. Tem bom coração, não liga ao dinheiro — quando tem, reparte com os camaradas. Por isso, não terá muito quando chegar a Nantes.
— Pois claro! — diz Madame Gros — é bem o seu feitio. Era tudo o que eu queria saber. Obrigada, minha senhora.
— Acorde, por favor.

O jovem chamava-se M. Boisson. Chegou, conforme fora previsto pela sonâmbula, na primeira quinzena de Janeiro. A irmã confirmou-me a chegada e, a meu pedido, afastou-o com um pretexto qualquer na hora da minha visita nocturna com a sonâmbula, para que ela não o visse antes de entrar em transe.

Assim, fomos novamente à casa de Madame Gros. M. Boisson chegou enquanto a sonâmbula prestava consultas a outras pessoas. Quando terminou, fiz sinal a M. Boisson para se aproximar e sentar-se junto dela; coloquei-lhe a mão e estabeleci o contacto.

— Vê agora a pessoa com quem te pus em contacto. Diz-nos qual é a sua doença.
— É o meu pequeno marinheiro: é o irmão de Madame Gros. Vi-te bem longe daqui — fui visitar-te a Toulon. Recebeste uma carta da tua irmã, onde ela te fazia um sermão; leste-a e depois usaste-a para acender o cachimbo, não foi? Não gastaste muito com sapatos na viagem. Vieste de diligência para poupar, não foi? Chegaste a tempo — os rios estavam baixos. E o bolso... estava bem recheado, não foi?

– **"Já que diz que o bolso estava cheio," disse o jovem, "quanto restava ainda?"**
Resposta: Não tinhas mais de 6 francos quando chegaste a casa.
O jovem respondeu: — É verdade, restavam-me apenas 5 francos e 50 cêntimos.

Sessão de 21 de Junho de 1833, por M. Bywouet, na presença de M. Gardé
Apresentou-se uma senhora, Madame Hudome, para consultar a sonâmbula, com quem foi estabelecido o contacto.

Pergunta: Qual é a minha doença?
Resposta: A sua doença não é perigosa: é uma doença de nove meses.
Pergunta: Há quanto tempo?
Resposta: Cerca de seis semanas.
Pergunta: Qual é o sexo?
Resposta: Ainda é muito pequeno, mas deixe-me observar... será uma menina.

M. Gardé anotou essa previsão, que se confirmou: ao fim de sete meses e meio, a senhora deu à luz uma filha, a 17 de Fevereiro de 1834.

DUVAL (de Nantes) – O PARAÍSO DOS EXTRA-VIDENTES

Este é o título de um artigo incluído no número 113 do *Journal du Magnétisme*, já mencionado na nossa última edição. Sentimos a necessidade de retomar este tema, pela importância que assume para os nossos estudos.

O que mais se prestou a zombarias nos *Arcanes de la Vie Future Dévoilés*, e que os grandes mestres da magia se apressaram em ridicularizar com certo prazer, foi esta simples afirmação: **a vida futura é uma continuação da vida presente**, sujeita a processos de purificação que conduzem à harmonia do todo; portanto, pensa-se e age-se nesse novo estado tal como se pensava e agia na Terra. Lá, continuam-se a amar os pais e todos os que nos foram queridos; reencontram-se a seu tempo.

Esta revelação, à primeira vista, nada tem de risível; não se pode pensar que resulte de um desvario da mente do clarividente que a enuncia, nem do magnetizador que a regista. Para os espíritos sensatos, ela exige estudo e não escárnio. Foi com esse intuito que propusemos a todos os magnetizadores, indistintamente, que colocassem questões aos seus clarividentes, a fim de recolhermos um certo número de testemunhos sobre esta questão — testemunhos que, se não determinassem uma crença, ao menos suscitariam reflexão.

Não creio que tenhamos feito ou dito outra coisa. Ficou-nos demonstrado que a alma dos falecidos vive uma vida individualizada num certo lugar, podendo manifestar-se aos clarividentes que desejam vê-la. Temos nas mãos centenas de actas que comprovam este facto e nos autorizam a crer que não nos iludimos nestas experiências. Hoje, contesta-se menos a existência imortal da alma do que o local e os hábitos que ela aí conserva.

E porquê? Porque afirmamos que se trata da continuação da existência terrena, que a alma pensa e tem práticas semelhantes. Isso parece ridículo? Então, o que ela pensa e faz na Terra também o é?

Este paraíso, portanto, não agrada nem pode agradar àqueles que não desejam continuar a pensar ou agir como fizeram em vida — o que prova que não pensam ou agem bem agora.

Mas, então, perguntemos aos nossos detractores: **qual é o vosso paraíso?** O que quereis pensar e fazer nesse paraíso que imaginais?

Um responderá: "Quero ser belo e jovem."
Outro: "Nada fazer, não sofrer e ser feliz."
Um terceiro desejará estudar a criação e conhecer as suas leis.
Um quarto será religioso e cantará louvores a Deus.
Um quinto quererá viajar.
O sexto permanecerá imóvel, inundado de beatitude.

Não vejo aqui senão desejos materiais. Que outra ideia se pode ter da vida futura? São ou desejos terrenos realizados, ou uma maneira de pensar totalmente nova, sem qualquer relação com a terrestre.

Na primeira hipótese, trata-se de algo que agrada à vista e alegra a alma — algo que foi visto pelos olhos ou pela mente; são práticas específicas, que sugerem outras — e, por isso, não tendes mais direito de desprezar as minhas do que de exaltar as vossas. O que Deus vos concede, pode igualmente conceder-me. Por conseguinte, não deveis rir dos clarividentes que vos dizem que a vida futura é a continuação da vida presente, pois vós mesmos desejais que se realizem os vossos desejos — que são, afinal, desejos terrenos.

Na segunda hipótese — a de um paraíso onde não se pensa nem se age como na Terra —, a alma teria então perdido toda a recordação da sua existência terrestre; pois, para pensar de outro modo, teria de estar despojada dos seus pensamentos anteriores, que a fariam reviver as mesmas sensações cada vez que os revisitasse. Assim, sem memória da vida terrestre, a alma não poderia aparecer-vos nem ter consciência da sua individualidade — pois é a recordação da acção anterior que estabelece a individualidade da seguinte. Nesse caso, como sabeis que a alma existe e pensa, se não a podeis ver nem supor o que pode fazer ou pensar? Se sabeis, quem vo-lo disse? Se ninguém vo-lo disse, como o sabeis e como o explicais?

Não terei eu, então, o mesmo direito de rir do que não podeis provar que vós o tendes em relação àquilo que eu julgo poder demonstrar?

Se o que digo acerca do céu dos clarividentes vos parece inaceitável, será isso motivo para escarnecer do assunto sem o estudar? Impus-vos as minhas revelações? Não — convido-vos a verificá-las, para que possais refutar as minhas proposições ou confirmá-las, se o merecerem.

Tudo isto pode e deve ser feito honestamente, sem rancor nem paixão. Ou escrevi um romance digno de piedade (e, nesse caso, honra à minha lealdade, que não podeis pôr em causa), ou escrevi um livro útil, que deveis estudar, corrigir, mas não ridicularizar.

Sede mais benevolentes para obter benevolência; sede menos zombeteiros para pensardes melhor.

Dizei-nos, então, uma palavra sobre o vosso paraíso. Talvez desconheçamos a sua beleza; talvez deixemos o nosso para o habitar, se for melhor e nos for possível alcançá-lo.

Mas, antes de ter um paraíso, é preciso que tenhais uma alma — a qual, segundo vós, não pode ser vista e, com toda a probabilidade, também não pode ser provada.

Nota final do autor

Acabámos de falar da nossa lealdade — e cremos dar provas dela todos os dias. Diante do ridículo com que nos cobrem, deveríamos talvez interromper o nosso tipo de publicações, se fôssemos sensíveis a isso — ou pelo menos afastar tudo o que pudesse servir de escárnio. Mas não o fazemos (o nosso último número é prova clara disso). Porquê? Porque não temos um sistema próprio: estudamos todos os sistemas. Acumulamos materiais, materiais e mais materiais — sempre — para esse grande edifício que, intuimos, um dia será erguido por uma mão mais hábil do que a nossa. Nesse edifício, esperamos sinceramente que todos poderão estudar e encontrar a verdade.

Aceitamos e publicamos tudo o que nos enviam. A nossa empresa é uma enciclopédia, onde cada um deposita a sua obra. Longe de a esconder, expomo-la à luz do dia — e pouco nos importa que os nossos companheiros de estudo riam.
Porque possamos cometer erros nos nossos esforços, não é razão para deixar de os fazer, nem para pensar que os outros erram menos. O ridículo só fere quem nele vê valor.

"Não é falseando a verdade que se obtém a luz; não é fazendo-nos dizer o que nunca dissemos que se conseguirá ridicularizar-nos. Os nossos leitores têm mais discernimento do que lhes atribuem."

Nunca confundimos os diferentes estados pelos quais nos dizem que passamos após sairmos deste mundo, como alguns o fazem propositadamente. Jamais tivemos o mau gosto de vestir espíritos superiores como guardas nacionais, nem de colocar bigodes sob o nariz de tais seres sublimes. Admitimos que, nos estados de transição, possam revestir todas as formas e utilizar todos os meios que desejarem; que podem — e devem — aparecer-nos na sua antiga forma e condição terrena, a fim de serem reconhecidos. No entanto, estabelecemos sempre uma distinção entre essas percepções semi-materiais, semi-espirituais e os estados verdadeiramente celestiais. Ninguém poderá ter-se enganado quanto a isso.

Apelamos, por isso, a todos os que pretendem estudar com seriedade que não recorram à ironia, e àqueles que desejam resolver tudo que sejam mais sérios e verdadeiros. Seria mais do que ridículo acreditarem que só eles e os seus aliados são merecedores de alguma luz; nesse caso, que tenham a gentileza de nos iluminar por outros meios que não máximas que expressam mais paixão do que sabedoria.

– **Alp. Cahagnet**

EXCERTO DE SELMA, A LÚCIDA JUDAICA

Por Dr. M. Wiener, traduzido pelo nosso excelente amigo M. Carl, de Estrasburgo (Berlim, 1838).

O magnetizador, Dr. Brayer, limitou-se às manipulações; respondia sempre ao chamamento da clarividente, mas confiou ao seu irmão, M. Wiener, a assistência durante o transe e a anotação dos remédios e de tudo o que lhe parecesse digno de registo, concedendo-lhe liberdade total para formular as perguntas. Agiu assim por discrição.

A clarividente prescreveu o tratamento na primeira fase da doença, mas essa parte não será aqui mencionada. Passamos directamente à segunda fase, onde surgem os elementos mais interessantes. Nessa altura, Frédérique Wiener, chamada *Selma* pelo seu espírito condutor, era singularmente perseguida por um espírito maligno que assombrava a sua casa há vários anos. Este espírito perturbava o ambiente, deslocava ou derrubava móveis, mas nunca causava danos às pessoas. Em vida, fora um homem sem princípios, de conduta e costumes deploráveis, tendo acabado por se suicidar.

Ele tentava atrair Selma para a sua esfera, penetrando-a com o seu olhar flamejante, e fazia-a sofrer um verdadeiro martírio. Conhecendo os horários da sua aparição, a pobre clarividente fez chamar o seu magnetizador e outras pessoas piedosas para a ajudarem a expulsar o seu perseguidor. Um dia, atormentada horrivelmente, começou de súbito a rezar a oração do *Pai Nosso*. No fim da prece, exclamou:
"Saúdo-te, meu condutor, saúdo-te!"

Pergunta (do irmão): A quem diriges essa saudação?
Resposta: Ao meu espírito condutor, *Symbolarium*, o brâmane.
Pergunta: Um brâmane?
Resposta: Sim. Há muitos milhares de anos, ele foi homem entre os homens, viveu junto ao Ganges, numa cabana, e dizia ser filho de Brahma.
Pergunta: Como? O teu espírito condutor era adorador de falsos deuses?
Resposta: Cala-te. Não blasfemes, escuta: houve um tempo em que a crença num Deus único era universal entre os humanos. Mais tarde, famílias inteiras — como as dos sacerdotes no Egipto e na Índia — conservaram essa crença como o mais precioso tesouro. Mas ocultaram-na de várias formas. Ao povo, davam a forma exterior — a casca; guardavam para si o núcleo, a verdade — até que, após muitas gerações, também eles perderam essa verdade que esconderam tão bem, e passaram a tomar o símbolo pela verdade. Symbolarium viveu nesses tempos primordiais.

Pergunta: De quem é a oração que acabaste de dizer?
Resposta: Ouvi-a no ano passado.
Pergunta: Por que escolheste, tu, sendo judia, precisamente essa oração?
Resposta: E por que não haveria de o fazer?
Pergunta: Mas é uma oração essencialmente cristã!
Resposta: É uma oração para a glorificação de Deus; cada palavra dela encontra-se nos nossos livros sagrados. A filha tomou da mãe, mas a mãe nunca tomou da filha. Sim, mesmo os idólatras, se disserem algo que glorifique Deus, a boca de um israelita deve proclamá-lo com júbilo — e isso não é proibido.

Pergunta: Então é indiferente orar a Deus em alemão ou em hebraico?
Resposta: Qualquer língua é compreendida por Aquele que sonda o coração e os rins do

homem e conhece os seus pensamentos antes que nasçam. No entanto, há uma diferença: o hebraico é língua de oração; contém palavras cheias de força — não apenas palavras para exprimir sentimentos, mas palavras para **os sentimentos da alma**.

Pergunta: Como devo compreender isso?
Resposta: O homem ignora o poder da palavra. Além das palavras de expressão, há as que actuam nos sentimentos da alma. O inspirado fala à multidão, e os ouvintes comovem-se; as suas palavras fazem correr lágrimas. O general dirige-se aos soldados, e os jovens correm para as armas; o santo prega, e a cólera transforma-se em tolerância. Essas não são meras palavras — são palavras da alma.

Mas há uma Palavra escondida, e ao mesmo tempo manifesta diante de nós — é **a palavra de todas as palavras**. Ao ouvir a sua entoação, tanto o homem como o anjo caem em adoração, enquanto o réprobo estremece e foge. Tudo o que é, foi e será está contido nessa Palavra — *JHVH (Jeová)* — pois de todas as palavras de poder, essa é a mais forte e poderosa.

Pergunta: Se existirem realmente muitos graus de bem-aventurança, os nossos livros sagrados deveriam mencioná-los. Podes indicar-me onde?
Resposta: *O temor de Deus é o único caminho para alcançar a sabedoria.* A salvação é garantida ao homem piedoso que fizer da Palavra de Deus a noiva da sua alma e lhe for fiel; o seu espírito será iluminado, e ele verá revelar-se coisas que escapam aos fracos sentidos da multidão. Medita dia e noite na Palavra de Deus, e crescerás em sabedoria e força, pois beberás na fonte da vida.

Existem inúmeros degraus até à felicidade suprema. Jacob, ao dormir, viu em sonho uma escada apoiada na terra e a tocar o céu — por ela subiam e desciam os anjos de Deus. No topo, estava o Senhor.

Pergunta: O que é o magnetismo vital?
Resposta: O magnetismo é **a força vital luminosa**.

Pergunta: Como compreendes isso?
Resposta: Existe uma força primordial, uma pura emanação do Criador. Esta força penetra todos os corpos — é o seu princípio. Envolta por um corpo subtil e fino, essa força vital luminosa chama-se *luz*. Deus disse: "Faça-se a luz!" — e fez-se a luz. E viu Deus que a luz era boa. Então separou a luz das trevas, e chamou à luz *dia*, e às trevas *noite*. Isto foi no primeiro dia. No quarto dia, Deus criou as luzes celestes — o sol e as estrelas.

A luz do primeiro dia era a **força vital luminosa**, o arquétipo de todas as coisas criadas. A luz do quarto dia era a luz do sol e dos astros.

Pergunta: Já viste claramente o teu espírito condutor? Como é ele?
Resposta: É um ancião magnífico, alto, de porte majestoso. O seu rosto é belo e sereno, transparece bondade. Tem uma longa barba branca e cabelo ondulado, tal como a barba — ambos são translúcidos. A sua cabeça irradia luz à sua volta, como os raios do sol; o meu olhar não conseguiria fixar-se ali, não fosse ele tão suave e fortalecedor para mim. Usa uma

longa túnica branca, com muitos pregueados; é clara como o sol e transparente — não tem cor. Cinge-lhe a cintura um cinturão branco e resplandecente. O seu porte é imponente.

Jamais ele pousa os pés em terra; paira acima de tudo. Symbolarium ama o género humano: todos os homens são seus irmãos.

P. De que língua se serve o teu guia para se fazer entender por ti?
R. Da língua das almas.
P. Que língua é essa?
R. Essa língua transmite imediatamente aquilo que comove a alma, sem necessidade de empregar o órgão da fala para o traduzir.
P. Que seres falam essa língua?
R. Todos os que estão libertos do corpo; ela está inscrita na alma de cada um, e o olhar espiritual consegue vê-la. Não compreendeis isto; é necessário que eu vos transmita o que vejo e vo-lo explique de modo a tornar isso inteligível para vós.

Dir-se-ia que a clarividência de Selma, durante o segundo período, não teve outro propósito senão o de fazer as revelações acima mencionadas; pois já não estava doente, apenas cansada, enfraquecida pela aparição dos espíritos. Parece que essas revelações foram feitas para ponderar e corrigir várias afirmações da lúcida de Prevorst, que são facilmente perceptíveis e provêm mais da tradição do que da visão magnética em toda a sua integridade.

Selma terá dormido, durante esse segundo período, setenta horas consecutivas.
Para sustentar esse sono magnético, prescreveu a seguinte amuleto:
"Dever-se-ão magnetizar sete folhas de louro; uma será colocada em cada ponto cardeal do meu quarto; as três restantes serão dispostas de forma a formar uma estrela, mantendo-se essa configuração com fios de seda branca e preta. Colocarei este amuleto sobre a minha cabeça, onde permanecerá durante todo o tempo que durar o meu sono."
— M. WIENER.

Isto produz um efeito de electro-magnetismo.

APARIÇÕES.
ÊXTASE DE UMA CRIANÇA DE TREZE ANOS.

No dia 20 de Março, o senhor abade A..... trouxe-me uma jovem de treze anos, de compleição desenvolvida, que, segundo disse, era extremamente sensível à acção magnética. Madame Hauet, sua mãe, já a havia magnetizado várias vezes, conseguindo efeitos de atracção bastante curiosos. Além disso, tinha conseguido adormecê-la, mas, pouco versada no magnetismo, não sabia que direcção lhe dar nem qual seria a especialidade da filha.

Pediram-me que a adormecesse, o que consegui em poucos minutos. Seguiu-se o seguinte diálogo:

— Dormes?
— Sim.
— Estás bem?
— Sim.
— Consegues ver-me?
— Sim.
— Consegues ver outras coisas? Dizem que lês em livros; consegues ler neste aqui?
— É uma escrita; vejo escrito: *Jeanne d'Arc*.
— Muito bem, esse é o título. Vê, sob esta folha branca está o retrato dela.
— Não consigo ver.
— Aqui tens uma carteira; o que contém?
— Este objecto provoca-lhe convulsões; não consegue tocá-lo nem ver o que está dentro.
— Já que me vês, diz-me onde está a minha mão direita e como está.
— Está sobre a tua cabeça; está fechada.
— Não, não está fechada; está aberta, pelo contrário.
— Como não quero cansar-te nesta primeira vez, peço-te que vejas se sofro. A tua mãe disse que tens essa faculdade.
— Sim, sofres. (Faz-me uma descrição muito exacta dos meus sofrimentos.)

— Se fosse o teu próprio irmão a estar neste estado, tu que tanto o amas, o que farias para o curar?
— Não sei.
— Pede a Deus que te mostre as plantas que poderiam aliviá-lo ou curá-lo.
— Não vejo plantas; por vezes ouço uma voz que me aconselha, mas nem sempre.
— Que voz é essa?
— Não sei.
— Será um guia?
— Creio que sim, mas não sei.
— Desejas ver de onde vem essa voz?

Após um momento de espera, a sua cabeça inclina-se para trás, como num movimento de surpresa, e abundantes lágrimas inundam-lhe o rosto, que esconde entre as mãos.

— O que vês que te deixa nesse estado?
— É a Aimée, sabes, mamã, a nossa criada querida.
— Quem é essa pessoa? — perguntei à mãe.
— É uma jovem que faleceu em nossa casa há seis meses, vítima de cólera. Ela gostava muito da minha filha.

— Pergunta-lhe se é a sua voz que ouves e se é ela o teu guia.
— Sim.
— Como te aparece?
— Ali, à direita, tal como a conheci. (As lágrimas e as demonstrações de alegria continuam.)
— Como está vestida?
— Está envolta em branco.

— Como? Branco? É um vestido?
— Não, está envolta como num lençol.
— Pede-lhe que mude esse traje e te apareça com roupas mais apropriadas.
— Cá está, como se vestia em vida.
— Diz-lhe, do fundo do teu coração: *Se não foste enviada por Deus até mim, ordeno-te, em nome d'Ele, que te retires!*
A jovem faz esta invocação e parece muito agitada.

— Então, partiu?
— Oh! não, foi realmente enviada por Deus.
— Nesse caso, pergunta-lhe se é feliz.
— Sim.
— Depois da morte, reconheceu logo a sua condição?
— Não; demorou algum tempo.
— Quanto tempo, mais ou menos?
— Não sabe.
— Quem lhe revelou que já não estava na Terra?
— Um espírito.
— Desde então, que faz? Quais são as suas ocupações?
— Está rodeada de flores. Oh! que flores tão belas! Meu Deus! que maravilha!
— Vês, então, onde ela está?
— Sim.
— É um jardim?
— Não, mas está no meio das flores. Meu Deus! como são belas! Gostaria de ver flores semelhantes na Terra.
— Não as reconheces?
— Não.
— Pede-lhe uma flor que possas ver ao acordar.

Ela estende suavemente a mão para colher uma flor, parecendo fazê-lo com o maior cuidado. Após um momento de aparente escolha, segura a flor entre os dedos com uma admiração profunda e parece relutar em deixá-la.

— Confia-me essa flor — disse-lhe — eu devolvê-la-ei quando acordares, para que a vejas tão bem como agora. Diz-me o que devo fazer.
— Coloca a tua mão sobre o meu coração.

— Mamã, que coisa estranha! — exclama — a Aimée tem metade da cara do meu primo e metade da dela.
— Que primo é esse? — perguntei.
— Morreu quinze dias depois dela.
— Explica-me como vês esse rosto.
— Oh, é muito estranho: tem a parte inferior do rosto dela, os dentes, tudo igual; mas a parte superior é toda do meu primo; são mesmo os olhos dele, vejo os dois ao mesmo tempo, num só.

— Como é possível? Diz, mamã.
— Essa jovem conhecia o rapaz em vida?
— Sim.
— Ele gostava dela?
— Oh! era tão bom com os seus criados que gostava de todos.
— Mas ela, parecia amá-lo?
— Ela amava-o, porque ele era bom.

Não pude continuar com este tipo de perguntas. Esta criança é demasiado inocente para lhes responder.

Ela prossegue:
— Olha, ali está ele por inteiro, o meu primo! Oh! é mesmo ele! Meu Deus! é mesmo ele!
— Onde o vês? Está com a jovem que acabaste de ver?
— Não, não estão juntos.
— Está mais elevado do que ela?
— Não, mas não estão no mesmo lugar. Vejo-o numa espécie de templo. Que templo tão belo! Que maravilha!
— Que faz ele nesse templo?
— Adora a Deus.
— Que vês nesse templo? Vês Deus sob alguma forma?
— Não, esse templo não é o lugar onde está Deus; mas está muito perto d'Ele.
— O teu primo já viu Deus?
— Não... Que templo tão belo!
— Não será um palácio?
— Oh, não: é um templo; mas como queres que to descreva? Nada do nosso mundo se compara ao que vejo; não vos posso dizer mais...

— O teu primo está feliz nesse templo?
— Oh, creio que sim!
— Gostarias de estar com ele?
— Se fosse permitido invejá-lo...

Depois disso, permaneceu em profundo recolhimento, como se temesse que o que acabara de dizer pudesse ofender a Deus e à sua mãe.

É, pois, necessário que Deus seja infinitamente bom para nos fazer gozar de tal felicidade, a nós que tanto O ofendemos e que tão pouco a merecemos!
— Oh! Tendes razão — respondeu ela, apertando-me a mão com afeição, como que para dar mais valor às suas palavras — nunca se disse melhor do que o que acabais de dizer: somos verdadeiramente indignos de tamanha bondade! Deus é tão perfeito e generoso quanto nós somos maus e ingratos.

Ela une as mãos com uma graça e humildade que a todos nos toca profundamente, mergulhando-nos num sentimento de sagrado respeito. As suas faces estão banhadas de lágrimas, e ela mergulha na oração!

— Vamos, minha filha — disse-lhe então — regressa a ti, vou acordar-te.
— Já? — respondeu ela — Oh! é que tudo o que vejo e sinto é tão belo e tão bom que eu gostaria de permanecer para sempre neste estado.
— Voltareis a ele noutra ocasião.
Ela regressa ao estado sonambúlico e eu acordo-a. Quando abre os olhos, coloco-lhe a mão sobre o coração; ela olha, com enorme surpresa, para a sua flor.
— Que vês? — perguntei-lhe.
— A minha flor… Oh! caiu… está perdida.
— Como era? Que cor tinha?
— Não sei; mas era de todas as cores. Não há cores como aquelas na Terra: nunca vi nada semelhante.

Três factos notáveis emergem desta aparição não solicitada:

1. Esta jovem, que acabava de fazer a sua primeira comunhão, na companhia de um venerável sacerdote, diz ouvir uma voz que reconhece como sendo a do seu guia; e, longe de descrever um anjo, como ensina a sua religião, afirma tratar-se de uma criada falecida há seis meses.

2. Vê essa criada com um rosto duplo, metade homem, metade mulher — a parte inferior do rosto em mulher e a parte superior em homem. Aqueles que leram *Os Arcanos* poderão facilmente deduzir, a partir destes dois seres em um só, que um era o complemento do outro.

3. Vê o seu primo, cuja aparição não desejara, tal como também não se esperava a da criada — aliás, ninguém poderia esperar, menos eu que qualquer outro. O primo leva-a a um templo, exaltando-lhe a bondade de Deus. Em vez de lhe mostrar lugares de punição, ambos se dizem felizes, e fazem pressagiar que essa felicidade está reservada a todos os homens após a sua passagem por este mundo, num lugar onde cada um desfruta segundo as suas afeições…

Esta sessão é bela demais, demasiado conclusiva e impregnada de verdade para que se lhe acrescentem comentários. Que veja quem tem olhos para ver, e que ouça quem tem ouvidos para ouvir!

Já vimos muitos extáticos, mas ver uma menina de treze anos — alegre, viva, mais dedicada aos jogos da sua idade do que a questões psicológicas — num estado assim é um espectáculo comovente. A mulher pode comover, mas a inocência arrebata. Quão límpidas e ardentes pareciam as lágrimas que lhe corriam pelas faces, ainda há instantes tão coradas pelo sorriso da indiferença! Quão sagrado soa o nome de Deus saindo de lábios tão puros! Quanto consola o nome do céu! Com uma palavra tão terna, quanto encanta o da eternidade, vindo de uma criança que não conhece sequer o dia seguinte!
Ousaria eu tentar descrever essa postura ingénua, esses gestos humildes, essa expressão global do rosto de uma criança em êxtase? Oh, não. Diante de tal estado, só se sabe admirar, rezar e esperar.

— **Alp. Cahagnet**

UM CEGO SONÂMBULO

Durante uma das últimas guerras do Império, entre os milhões que tombaram pela glória ou vergonha do espírito humano, jazia no campo de batalha de Toeplitz uma vítima, com ambas as têmporas atravessadas por uma bala, que ou paralisou ou perturbou o nervo óptico, extinguindo assim a luz do nosso mundo para o bravo soldado de quem aqui se fala.
O senhor Lemaire, então na flor da idade e de constituição robusta, viu desaparecer, num só instante, um mundo onde ainda deveria viver por muitos anos — mas sem o ver. Deus, que ama os seus e que conhece apenas os fins que se propõe e dirige, não quis que o senhor Lemaire ficasse desprovido de tudo nesta circunstância: dotou-o de uma visão sonambúlica que, seguramente, valia bem mais do que a visão material.

O senhor Lemaire foi, há cerca de vinte anos, o lúcido por excelência, a figura mais célebre do sonambulismo, a sua glória viva. Recebemos de Madame Marchand, directora de um colégio, o testemunho de uma das sessões a que assistiu, e da qual nos garantiu a total veracidade. Eis o que relatou:

Um jovem estudante de medicina desejava apenas saber se seria aprovado naquele ano.
M. Lemaire respondeu: "Não; mas sê-lo-ás no próximo."
O jovem franzia o sobrolho, entre o desânimo e a incredulidade, e fez então uma segunda pergunta: "Sobre que parte ou órgão do corpo serei questionado?"
"Serás questionado sobre o órgão do coração, que não estudas, pois toda a tua atenção se volta para os órgãos da cabeça. Ainda assim, a tua resposta valerá a aprovação. Sem a ajuda do teu guia, que te ditará a resposta tal como a ouço, serias reprovado."
"Vejo a pessoa que te irá interrogar: será um ancião", disse o lúcido, descrevendo-o com minúcia.
Tomaram-se notas de tudo, inclusive da pergunta e da resposta que lhe valeria o diploma.
Dois anos depois da sessão, no dia e hora indicados, o estudante pôde confirmar a veracidade da previsão. Tendo anotado tudo, partilhou-o com Madame Marchand: não havia uma sílaba a retirar da profecia.
Pobre espécie humana — tu debates-te, e Deus guia-te!

Segue-se a acta de uma sessão espiritualista de M. Lemaire, comunicada pelo nosso venerável amigo M. Pirlot, que era então o magnetizador do lúcido. Seria lamentável que semelhante documento se perdesse para a ciência que nos ocupa; esperamos, por isso, que os nossos leitores apreciem que lho tenhamos transmitido.

Sessão de 15 de Maio de 1822, ao meio-dia.

O Deus Todo-Poderoso, que sozinho governa todas as coisas, se digne abreviar o tempo das nossas calamidades. Pode parecer aos homens que os acontecimentos se atrasam; mas eles não deixam de acontecer. Tudo o que foi anunciado, tudo quanto Deus dirige, é invisível — e,

no entanto, infalível: é invisível porque o homem não pode prever, de um instante para o outro, tudo quanto lhe pode suceder; e muito menos na imensidão das coisas.

A influência de Deus é universal; a do homem é, por assim dizer, apenas individual. A influência divina faz com que todos os seres e todas as coisas, sem o saberem, caminhem para o mesmo fim: o cumprimento das suas santas vontades. Se o homem pudesse penetrar nesses desígnios, apenas lhes criaria obstáculos.

Mas Deus, conhecendo o futuro, sendo o único poderoso, obriga o homem a permanecer-lhe submisso, a seguir o seu destino como o rio segue o seu curso — sem saber, por não ter essa faculdade, onde acabará ou se perderá.

O homem é como o rio: se lhe falta a fonte, fica sem curso, e portanto sem vida. Do mesmo modo, o homem, se não for animado pelo espírito puro e universal — que é a sua fonte — vê-se dominado inteiramente pela matéria, que o prende à terra. E de todas as faculdades que lhe restam, já só se serve para fazer o mal.

O curso da vida terrestre do homem é, pois, limitado. Compete-lhe segui-lo como o rio segue o seu. Se dele se afasta, perde-o e não o reencontra. Julga, por vezes, tê-lo reencontrado, mas engana-se: segue apenas um caminho mais curto que o devido, e por isso mesmo mais distante do que conduz à eternidade.

Que responder a uma tal definição? Que não se pode dizer melhor quando se diz a verdade.

O senhor Lemaire já não é lúcido; desfruta de uma bela saúde na feliz condição que Deus lhe concedeu. O seu coração guarda sempre a memória da sua carreira magnética; não há obra publicada sobre essa ciência que não faça questão de adquirir e mandar ler. Não há lúcido ou magnetizador infeliz a quem não estenda uma mão generosa e fraterna.

Quantos doentes lhe devem a recuperação da saúde, quantas pessoas inquietas por causa de ausentes foram por ele tranquilizadas, quantos incrédulos se converteram sob o efeito mágico do seu dom de clarividência! Muitos lúcidos lhe sucederam, mas nenhum teve mais visão interior do que o cego do campo de batalha de Toeplitz.

— **Alp. Cahagnet**

MAGNETIZEUR SPIRITUALISTE 2

Sessão de 10 de Dezembro de 1849

O irmão Décrion pede que se pergunte ao espírito de Swedenborg se existem outros globos habitados por seres superiores aos homens do nosso planeta. Adèle responde, segundo Swedenborg, que os homens de todos os globos, em geral, se assemelham a nós em espírito e conhecimento; se são superiores num aspeto, são inferiores noutros, o que estabelece uma certa igualdade no saber. Deus agiu assim sem qualquer parcialidade.

Contudo, observa o irmão Cahagnet, nos escritos de Swedenborg sobre as terras astrais, este reconheceu povos superiores em virtudes. Swedenborg foi, porém, enganado nessas

comunicações. Com frequência, confundiu mundos espirituais com mundos materiais, acreditando comunicar com espíritos libertos dos mundos sobre os quais falava, quando na verdade se tratava de sociedades de espíritos do nosso próprio globo, mais purificados do que outros, e num estado que lhe fazia crer serem de outra origem. Mas quanto às formas, retoma o irmão Décrion, os espíritos dos outros globos assemelham-se a nós? Adèle responde que sim, mais ou menos. Qual é então a diferença? Ela diz não poder explicá-lo, mas afirma haver "monstruosidades", ou pelo menos aquilo que, a nós, habitantes da Terra, assim nos parecem. Essas "monstruosidades" são gerais ou acidentais? São gerais, e representam o tipo do globo em que se manifestam. Um homem da nossa natureza, se nascesse entre eles, parecer-lhes-ia tão monstruoso como eles o parecem a nós. Entre si, consideram-se belos, tal como nós nos vemos; contudo, em termos de espírito, conhecimento e saber, são iguais a nós. A diferença está apenas na forma corporal.

O Sr. X., apresentado à sociedade pelo irmão Duteil como visitante, solicita ao espírito de Swedenborg que descreva a forma dos habitantes do Sol. O espírito responde que não há habitantes no Sol, pois o Sol, tal como o concebemos, não existe. O(s) globo(s) que tomamos por Sol não são senão corpos que reflectem, com maior ou menor intensidade, os raios do Sol espiritual, o único existente, que é o próprio Deus e não um globo material. Com esta resposta, Adèle retoma a revelação contida no primeiro volume dos "Arcanos da Vida Futura Desvendados", cuja lógica exigia esta afirmação. Contudo, ninguém esperava tal resposta.

Sessão de 4 de Fevereiro de 1850

Um magnetizador, recomendado à sociedade pelo irmão Flichy, solicita autorização para comunicar com a assembleia, o que lhe é concedido. Este senhor, de nome Etelin, afirma que, na sua longa prática magnética, utilizou frequentemente carvão de madeira dura para aliviar dores de cabeça intensas e outras dores provocadas pelo excesso de electricidade acumulada nas zonas afectadas.

O seu método consiste em segurar um pedaço de carvão por uma extremidade, apresentando a outra extremidade a uma distância de cerca de um dedo da zona dolorosa. Um minuto é geralmente suficiente para aliviar a dor de cabeça ou perturbar uma dor localizada, que ele persegue com o carvão até que desapareça completamente. Três pessoas presentes na sessão estavam nas condições adequadas para experimentar este método, com resultados muito positivos. O nosso irmão Renier já nos havia transmitido uma comunicação semelhante, que recebera do conde de Robiano. Este utilizava o carvão com frequência para induzir o sono e o despertar dos seus sensitivos. Para os adormecer, fazia-os segurar um pedaço de carvão em cada mão, sendo os efeitos visivelmente notórios; para os despertar, deixava-lhes apenas um pedaço numa mão. Todos se propõem a experimentar esta propriedade tão útil do carvão, até agora demasiado ignorada.

Sessão de 4 de Março de 1850

O irmão Décrion apresenta ao espírito de Swedenborg a seguinte questão: dois filhos nascidos da mesma mãe, mas seguindo caminhos opostos — um pelo bem e outro pelo mal —

serão ambos punidos ou recompensados, visto que não parecem agir livremente? A resposta é que ambos são recompensados de acordo com os seus méritos, sendo colocados num estado que é consequência directa das suas afeições terrenas.

Sessão de 18 de Março de 1850

O Sr. Rebold, amigo do irmão Duteil, hipnotiza a sua sensitiva, que proporciona as seguintes aparições aos irmãos e irmãs que as solicitam:

1. À irmã Lietz, aparece o seu marido, sendo os detalhes fornecidos reconhecidos por ela como exactos.
2. O irmão Limal solicita a aparição de um amigo, mas não reconhece a descrição apresentada pela sensitiva.
3. O irmão Devillers pede a aparição de seu pai e declara-se satisfeito com os detalhes fornecidos.
4. A irmã d'Héricourt solicita a aparição de sua mãe, mas não exige detalhes, pedindo-lhe apenas alguns conselhos.
5. A irmã Desingly pede a aparição de sua filha, mas não se mostra convencida da veracidade da visão, com base nas respostas da sensitiva.

Sessão de 1 de Abril de 1850

O irmão Devillers apresenta a Adèle, em estado de sono, um anel que possui temporariamente, no qual estão gravados caracteres desconhecidos, e pergunta qual a utilidade desse anel. Após segurá-lo brevemente junto à testa, Adèle parece surpreendida pela aparição de um espírito ao seu lado. O irmão Cahagnet pede-lhe detalhes sobre a visão. Ela responde que vê diante de si o antigo possuidor do anel, isto é, aquele que o deteve em vida. Trata-se de um ancião, trajado ao estilo da Idade Média, que se dedicava à Alquimia e era membro de uma sociedade que havia adoptado aquela forma de anel como símbolo de reconhecimento, tal como nós adoptámos medalhas. Os caracteres gravados são cabalísticos, e o espírito recusa-se a revelar o seu significado, dizendo que tudo o que se fazia naquela sociedade era secreto, e que não pode, nem agora, desvendar o mínimo sobre isso. A sociedade já não existe em França, mas subsiste ainda em Espanha. Ele assegura que esse anel fará muito bem àquele que o usar, pois está sob sua influência, que Adèle afirma ser muito benéfica.

O irmão Devillers observa que duas pessoas já sentiram efeitos positivos ao usarem o anel por um breve momento.

Sessão de 13 de Maio de 1850

O irmão Limal dirige-se a Adèle com as seguintes perguntas:

1. Os espíritos elementares, de que falam os filósofos, existem realmente?
   Adèle responde: Sim, existem, pois tudo está em tudo. São seres espirituais que não podem ser percebidos pelos nossos sentidos físicos.

2. É verdade que alguns filósofos herméticos tiveram por esposas mulheres pertencentes a esses mesmos espíritos, que se tornaram visíveis aos olhos de todos?
   Sim e não. Não, porque o corpo material não pode manter relações com espíritos libertos da matéria; sim, porque esses filósofos possuíam o poder de entrar num estado que lhes permitia perceber tais espíritos e conversar continuamente com eles. Esses espíritos representavam seres semelhantes a si mesmos, o que pode ter levado os filósofos a acreditar numa união íntima e numa possível materialização, quando na realidade se tratava apenas de uma união espiritual. Se outras pessoas os viram, foi porque se encontravam, também elas, temporariamente no estado necessário à percepção. Estes espíritos viveram na Terra; apenas se libertaram dela até certo ponto. Nutriam uma afeição mais intensa por ela do que os demais, razão pela qual vagueiam constantemente em seu redor, na sua atmosfera, procurando estabelecer contacto com aqueles que o desejem. Quanto ao facto de os ver na água, no fogo, no ar ou na terra, isso decorre do princípio do "tudo em tudo". Eles estão onde desejamos vê-los e onde eles próprios desejam estar; obedecem, conforme a sua vontade, àqueles que solicitam os seus serviços. Por isso, a água magnetizada com a crença de que é composta por esses espíritos — sendo toda a criação viva — deverá ser mais benéfica do que se for magnetizada com outra intenção. Já expliquei anteriormente este fenómeno à irmã d'Héricourt. Se estes espíritos não tivessem vivido na Terra, não poderiam comunicar connosco desta forma, pois aqueles que ainda não revestiram um corpo material são demasiado puros para tal, e não o poderiam fazer.

O irmão Cahagnet observa que o que Adèle afirma neste momento confirma o que ela já dissera nos *Arcanos*. Um dia, viu um pequeno ser destinado a nascer futuramente no nosso globo; no entanto, não lhe foi possível tocá-lo ou falar com ele. Com efeito, se tal fosse possível, esses seres conheceriam todos os males que os aguardam na Terra e desejariam menos encarnar aqui.

O irmão Roustan dirige as seguintes questões à sensitiva Rosalie, magnetizada pelo irmão Rebold:

1. Tens uma alma?
   Sim.

2. Existia antes de estar unida ao teu corpo?
   Sim.

3. De onde veio?
   As almas vêm de Deus.

4. Para onde irá depois da tua morte?
   Ascendem mais ou menos rapidamente às regiões celestes, consoante as acções que tenham praticado.

5. Atingirá conhecimento de todas as coisas?
   Sim.

6. A tua alma possuía o mesmo conhecimento antes de estar unida a ti?
   Não.

7. Tens memória de já teres vivido neste globo terrestre ou noutros?
   Já habitei a Terra, mas não sob forma humana.

8. É-te permitido aceder a essa memória?
   Sim.

9. Sabes se há sensitivos que falam línguas que desconhecem no estado de vigília?
   Sim.

10. Quem lhes dá esse conhecimento?
    Eles são transportados para lugares onde se falam essas línguas, quando ascendem às regiões celestes.

11. Trata-se de uma reminiscência dessas línguas?
    Não.

12. Existem sensitivos que podem aceder ao conhecimento de coisas que outros só conhecerão quando Deus assim o permitir?
    Sim.

13. Os espíritos em geral (como o de Swedenborg, por exemplo) têm o direito, ou permissão, para responder a todos os sensitivos que os invocam da mesma forma e às mesmas perguntas ou semelhantes?
    Podem abster-se de responder; é vontade de Deus que assim seja. No entanto, podem também responder de forma contraditória.

Sessão de 10 de Junho de 1850

O irmão Décrion dirige ao espírito de Swedenborg as seguintes perguntas:

1. A vida e a alma são distintas ou a mesma coisa?
   São uma só e mesma coisa; sem vida não existiria alma.

2. Onde se encontra a alma no corpo material?
   Ela existe em todo o corpo, uma vez que o corpo é o seu reflexo; está presente em todas as suas partes.

3. O fluido vital é distinto da matéria? São duas substâncias diferentes?
   O fluido vital ou magnético é o que anima o corpo; é uma emanação da vida, que é a alma. O fluido magnético pode fundir-se e ser transmitido de corpo a corpo, ou de alma a alma, pois alma, vida e corpo são uma só e mesma entidade.

O irmão Cahagnet observa que Swedenborg, nos seus escritos, fala da Alma, do Espírito e do Corpo como se fossem três individualidades distintas, e que muitos filósofos defendem

que o espírito e a alma são substâncias separadas, distintas entre si — algo que se tende a acreditar ao ouvir frequentemente uma voz interior que nos aconselha ou responde às nossas reflexões.

Swedenborg responde que, sempre que ouvimos uma voz intuitiva, trata-se da voz de um espírito em contacto connosco, pois só há um ser em nós que é verdadeiramente nosso — e esse ser é a alma.

Sessão de 24 de Junho de 1850

O irmão Cahagnet dá conhecimento de uma aparição do irmão Lemoine, que se manifestou à sua esposa, revelando-lhe, através de Adèle, o local onde, antes de morrer, havia escondido uma faca que ela julgava perdida e desejava muito reencontrar. Esta foi efetivamente encontrada no exato local indicado.

Uma segunda revelação e previsão foi feita por este irmão, a pedido da esposa, relativamente a fundos depositados na Caixa Geral de Depósitos e Consignações. Ele indicou um prazo de oito dias para a resolução do assunto, o que parecia improvável; no entanto, segundo declaração da própria senhora Lemoine, a questão foi resolvida dentro do prazo predito.

Sessão de 8 de Julho de 1850

O irmão Cahagnet faz dirigir as seguintes perguntas ao espírito de Swedenborg.

Sessão de 8 de Julho de 1850

O irmão Cahagnet dirige ao espírito de Swedenborg as seguintes perguntas:

1. Na nossa última sessão, quando lhe foi perguntado se um espírito podia, sem o auxílio de um corpo material, agir sobre a matéria, respondeu negativamente. No entanto, existem factos como os transportes de objectos, deslocações, fechos de portas, ruídos, etc., que foram constatados e ocorreram sem intervenção de qualquer ser material. Que se deve concluir desses factos?
   Swedenborg responde: Não afirmei que tais factos não pudessem ser produzidos por espíritos libertos da matéria. Aqueles que têm afeição por esse tipo de manifestações podem realizá-las de duas formas: com ou sem auxílio de um corpo material. Esses espíritos estão apenas parcialmente libertos da matéria; têm sobre ela um poder muito maior do que tinham enquanto estavam unidos a um corpo físico. Compreende-se que um espírito, que antes actuava sobre um corpo e com esse corpo manipulava outros corpos materiais, possa agora, possuindo maior poder, fazer mais do que fazia antes. Ele pode penetrar todos os corpos e agir sobre eles conforme a sua vontade. São apenas os espíritos errantes na Terra que realizam tais actos; permanecem demasiado ligados aos objectos que deixaram e, por isso, podem cercá-los, tocá-los e deslocá-los como se ainda fossem materiais. Não acreditam estar libertos da matéria, e continuam a agir sobre ela e dentro dela como o faziam em vida.

2. Existe actualmente uma ciência em grande desenvolvimento chamada frenologia. Esta ciência defende que, na estrutura craniana, existem protuberâncias nas quais se agrupam pensamentos homogéneos e que, quando esses pensamentos se tornam demasiado numerosos para o espaço que ocupam, extravasam e conduzem o indivíduo a acções boas ou más. Isto é verdadeiro?
   Sim, dentro de certos limites.
   — O que são esses pensamentos?
   São espíritos como vós.
   — Pode-se impedir esse crescimento, como acreditam os frenologistas, e, por conseguinte, tornar o homem menos dependente da sua influência?
   Não. Esses espíritos-pensamentos cumprem uma missão que o homem não pode impedir; o homem é, de certo modo, o terreno onde esses pensamentos devem germinar, tal como as sementes germinam na terra; ele nada pode fazer contra isso.
   — No entanto, se é pelo número que se tornam mais poderosos, não se poderia, por algum meio, enfraquecer essa força?
   O número não tem qualquer influência; é um erro acreditar que dez ou cem pensamentos de natureza idêntica sejam mais fortes do que um só. Eles são homogéneos entre si; o número não acrescenta força, pois todos são igualmente fortes. Um único representa todos os outros e, por si só, pode induzir a acção a que estão destinados.
   — Porque se desenvolvem e agrupam então dessa forma?
   Porque assim deve ser, como tudo o que se reproduz na Terra. Quando os pensamentos são em demasia e excessivamente desenvolvidos, surge o transbordamento de que falais, conduzindo à loucura — e a loucura, por sua vez, não é senão um pensamento fixo.
   — O homem não é, então, livre de conduzir os seus pensamentos?
   Vós vedes por vós mesmos: não conheceis o vosso pensamento presente senão depois de este ter surgido; suportais-no e não lhe impusestes nada. Ele domina-vos, e não o dominai.

— Alguns magnetizadores acreditaram poder modificar as afeições dos seus lúcidos, no sono magnético, seja pela força da vontade, seja por certas manipulações que conhecem. O magnetizador não é mais livre da sua vontade nesta circunstância do que o lúcido. Deus é o único que quer e age por intermédio do homem; as manipulações não passam de acessórios, de meios — tudo o que acontece, deve acontecer e acontece porque assim é. O magnetizador é um agente; Deus serve-se dele para operar o que deseja realizar — e nada mais.

O senhor M..., secretário da Sociedade Filantro-Magnética de Paris, presente como visitante nesta sessão, pede a Adèle que lhe esclareça se a sensação que experimentou aquando da presença do espírito de Swedenborg se devia à sua presença ou a outra causa. Adèle responde que a sensação se devia à presença do espírito de Swedenborg, que nunca se apresenta sem derramar sobre a sociedade o estado de calma que o envolve, trazendo sempre a intenção de unir fraternalmente todos os presentes. Este senhor reconhece que a

sensação que sentiu foi de plena felicidade, razão pela qual a atribuíra a uma influência espiritual.

O irmão Roustan pede a Adèle que diga se uma pessoa obsidiada por um espírito maligno poderia libertar-se batendo dois pedaços de gres um contra o outro.
Adèle responde que sim, isso é possível.
— O irmão prossegue: O gres é preferível a outras pedras?
Adèle responde que é indiferente; pode usar-se qualquer material, pois o resultado estará em conformidade com a intenção, que é o que realmente determina tudo nestas situações.
Não compreendendo totalmente a resposta ou considerando que se expressou mal, o irmão Roustan reformula a questão: Um lúcido afirmou-me que uma pessoa obsidiada por um espírito maligno só teria de pegar em dois pedaços de gres, um em cada mão, e batê-los um contra o outro — e que o simples fogo resultante desse impacto seria suficiente para afastar o espírito obsessor. Disse-me ainda que o fogo produzido por esse tipo de pedra tinha uma natureza própria para esse efeito, e que, se fossem utilizadas outras pedras, o efeito não seria o mesmo.
Adèle responde: Nestes casos, é a intenção do obsidiado que constitui toda a sua força e êxito. Se um obsidiado acreditar que, esfregando duas mãos-cheias de palha uma contra a outra, se libertará da obsessão, assim acontecerá. A sua crença, a sua fé, são toda a virtude do remédio. Mas, se bater pedras de fogo ou pedaços de gres por toda a eternidade, sem acreditar na eficácia do método, não será curado. Ter fé na cura é o prelúdio da própria cura; um homem que crê na sua recuperação está já meio curado. A vontade e a confiança em Deus bastam para expulsar um espírito maligno.

O irmão Cahagnet observa que, não obstante, há remédios materiais que curam este tipo de obsessão.
Adèle responde: Os remédios materiais curam a matéria doente, e os remédios espirituais curam o espírito. Quem tem o corpo doente pode — e deve — usar remédios materiais; mas aquele cuja doença reside apenas no espírito deve recorrer a remédios espirituais, que são a oração a Deus e a fé. Uma vez curado o espírito, o corpo não tarda a seguir o mesmo caminho.

DÉCRION, secretário.

EXCERTO DAS ACTAS DAS SESSÕES DA SOCIEDADE DOS MAGNETIZADORES ESPIRITUALISTAS DE PARIS

(Segundo ano. Segundo artigo — continuação)

Discurso proferido pelo irmão que preside à sessão, em cada recepção de novos membros, antes de estes assinarem os estatutos da Sociedade:

Antes de assinardes o presente acto que vos declara membro da Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas de Paris, colocada sob o patrocínio de Emmanuel Swedenborg, exortamo-vos a reflectir seriamente sobre a importância deste gesto. Ainda que as condições a que nos sujeitamos sejam das mais suaves que se possam desejar, elas não deixam de constituir um compromisso de honra que não se pode romper impunemente,

sem que a consciência daquele que o faz permaneça sem culpa. Aquele que se compromete a ser humano e fraternal para com os seus irmãos e irmãs, e que recusa o cumprimento desta dívida, torna-se culpado dos crimes de indelicadeza e desumanidade; rompe a aliança que contraiu livremente, e à qual deveria permanecer fiel até ao seu último suspiro — é uma cisão que opera com a humanidade, que, por sua vez, se apartará dele.

O caminho sombrio por onde caminhamos não nos revela o que seremos; temos constantemente necessidade de uma mão amiga que nos auxilie a transpor os seus obstáculos, e de um coração fraternal que nos console nas aflições. É esta necessidade, comum a todos os seres e a todos os tempos, que levou o homem a agrupar-se em sociedades para, segundo as suas afeições, estudar em conjunto os grandes mistérios da natureza. Sim, cada coração precisa de se abrir a outros corações que o compreendam; cada afecto necessita de se associar, a fim de formar uma força em benefício de todos.

Infelizmente, as sociedades fundadas com esse intuito não geraram, até hoje, senão o esclavagismo, pois acabaram por servir à ambição de alguns homens, mesmo quando baseadas nos princípios da igualdade. A nossa, porém, não está destinada a sofrer o mesmo destino, porque é composta apenas por corações transbordando de amor uns pelos outros, que não querem — nem podem — dominar ninguém, desejando, pelo contrário, obedecer a todos. Os nossos estatutos encerram todo o caminho que conduz à dominação; cada um de nós é simultaneamente chefe e subordinado: é a igualdade na sua forma mais pura; é a fraternidade no seu sentido mais verdadeiro.

Queremos, pois, que os nossos estatutos sejam cumpridos com firmeza e lealdade; assim, antes de os assinardes, convidamo-vos a perguntar a vós mesmos se é por cálculo ou por amor que desejais fazer parte da nossa Sociedade. No primeiro caso, abstende-vos, ou sobre vós recairá a desgraça; no segundo, vinde com confiança ao seu seio.

Acreditai nas nossas palavras, fruto dos estudos psicológicos que realizámos: o homem nunca se compromete impunemente a cumprir quaisquer deveres — por mais penosos ou ligeiros que sejam — sem ficar vinculado, perante Deus e os seus semelhantes, ao cumprimento desse compromisso. É mais fácil romper do que reparar tal falta de lealdade. Quem abandona os outros será, por sua vez, abandonado; quem recusa ser fraternal não fará parte da grande família celeste, cujos preceitos profana sobre a Terra; pois ali, cada um é recompensado segundo as suas obras, e não poderá exigir dos outros aquilo que recusou dar-lhes.

Se desejais ser membro da Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas de Paris e subscrever os seus estatutos, dos quais fostes informado,
A referida Sociedade vos reconhece, a partir deste dia, como um dos seus membros.

Sessão de 19 de Agosto de 1850

Adèle, em estado de sono magnético, pede ao espírito Swedenborg que influencie uma corrente galvânica em benefício do irmão Madray. Adèle observa que o fluido espiritual

adere pouco a essa corrente. O irmão Cahagnet questiona a causa, ao que a lucidez responde: é porque essa corrente está constantemente a movimentar um fluido que também é espiritual, o que dificulta a fixação de qualquer outro fluido.

O irmão Rebold hipnotiza a sua lucidez, madame Tavernier, que fornece informações ao irmão Blesson acerca de um amigo seu, há muito tempo desaparecido. A lucidez afirma que ele foi assassinado por Árabes em África. O irmão Blesson realiza algumas experiências de comunicação de pensamento sobre um sujeito que não está adormecido nem sob acção magnética, utilizando apenas um objecto ao qual transmite, pela vontade, o que deseja que o sujeito — ao segurá-lo — execute. A experiência tem êxito completo.

Sessão de 30 de Setembro de 1850

O irmão Cahagnet hipnotiza a sua lucidez, Adèle Maginot, que evoca o espírito de Swedenborg, a quem apresenta água para ser espiritualizada.

O irmão Roustan pergunta ao espírito se conhece um mineral que permita encontrar ouro e prata. Com a sua resposta afirmativa, o irmão pergunta de seguida se o senhor Bonnard é realmente possuidor de tal mineral. O espírito responde que o senhor Bonnard não pertence à Sociedade e, portanto, não lhe compete ocupar-se dele; teria demasiado que fazer se tivesse de se ocupar de toda a gente.

A esposa e o irmão do falecido irmão Grosset, presentes na sessão, solicitam a aparição deste. Adèle observa que ele manteve uma expressão serena após a morte. A família confirma que, efectivamente, ele parecia calmo e feliz.

A viúva pergunta se ele tem algum conselho a dar-lhe. Ele responde que se ocupa dos filhos e recomenda que se magnetize uma das filhas, por ele identificada, que lhe seja dado a beber mingau e que se magnetize a sua roupa. Insiste na importância de cuidar dessa criança, afirmando que ela pode ser salva com os devidos cuidados — o que é confirmado como justo pela viúva.

O irmão Cahagnet pede ao espírito que descreva as sensações que experimentou ao morrer. Ele responde: Eu já tinha deixado o corpo há muito tempo; apenas permanecia ligado por alguns fios, que se foram desprendendo pouco a pouco, até me deixarem completamente livre. Aí experimentei uma felicidade indizível — semelhante à de um pássaro que, depois de muito tempo em cativeiro, finalmente pode usar livremente as suas asas, pairando sobre o local que deixou, numa espécie de enlevo, sem saber bem para onde se dirigir. Depois, orienta-se e segue o rumo que lhe convém.

A alma encontra-se nesse estado: inundada de felicidade, sem saber onde está nem o que é; vê coisas maravilhosas, sente sensações tão doces que hesita em acreditar em tamanha felicidade. Acaba por se orientar e junta-se gradualmente àqueles de quem gosta e que também deixaram a Terra. À medida que pensa em alguém, vê-o, interroga-o e estuda o que ouve, vê e sente. É um êxtase feliz, mas é necessário algum tempo para se tomar

consciência dele. O primeiro acto de toda a alma liberta é ajoelhar-se para agradecer a Deus por essa libertação.

Sessão de 14 de Outubro de 1850

Adèle, em sono magnético, apresenta vários objectos ao espírito de Swedenborg, que foi por ela invocado com o intuito de os espiritualizar. Em seguida, dirige-lhe as perguntas apresentadas pelo irmão Lecocq:
— O que se deve entender pelo caos de que fala a Bíblia? Existiu realmente um tempo em que a Terra que habitamos não existia?
Resposta: Sim, porque nós não fomos criados para vir imediatamente a esta Terra.

O irmão Cahagnet acrescenta outras questões:
— Creio que me disseste, a certa altura, que a Terra sempre existiu?
Resposta: A Terra sempre existiu na bondade divina, no estado espiritual; mas Deus, ao ver que não podíamos compreender nem nos satisfazer com essa criação sem contraste, materializou a Terra, bem como a nós, isto é, permitiu-nos percebê-la de outra forma; foi um estado que lhe foi imposto por nossa causa.

— E as outras criações, como os planetas que supomos existirem e serem habitados, passaram também por essa materialização da mesma forma e com os mesmos fins?
Resposta: Certamente; não eram apenas os espíritos do nosso globo que tinham sido criados — todos sentiam a mesma necessidade de comparação e desejavam conhecer outro estado que não aquele em que vivíamos. Foi por isso que Deus modificou esse estado geral, e daí nasceu o caos. O caos é apenas a materialização do espírito dos corpos, e durará enquanto perdurar a materialização de tudo quanto ainda tem de ser. O estado em que vivemos e viveremos na Terra é — e será — um caos contínuo; não há outro caos senão esse.

— Virá um tempo em que a matéria deixará de existir?
Resposta: Certamente; a matéria, como todos nós, deverá regressar ao seu estado original. É isso que se designa como o fim do mundo. Nesse momento, estaremos mais harmonizados do que antes da nossa materialização.

— Existe, então, um número limitado de almas criadas?
Resposta: Sim, com certeza.

— Esse número ainda é considerável, e o fim do mundo está próximo?
Resposta: Ainda há tantas almas por se manifestarem neste globo quanto os grãos de areia do mar e os grãos de pó da terra.

Diversos irmãos apresentam novas perguntas:
— Aqueles que se encontram mais avançados no mundo dos espíritos são mais perfeitos?
Resposta: Sim, mas a perfeição é infinita e o progresso continua sempre.

— As palavras de Cristo são verdadeiras?
Resposta: Sim, as que Ele pronunciou, mas não necessariamente como são repetidas. Ele disse: "Em verdade vos digo: os tempos passarão, mas a minha palavra não passará." A palavra de Cristo não morrerá, nem no céu nem na terra, pois ela é espiritual e imortal.

Disse ainda: "Esta geração não passará sem que a minha palavra se cumpra." Com isso quis dizer que a sua palavra se haveria de realizar, o que ocorre todos os dias. Outros Cristos ainda virão para reafirmá-la, desenvolvê-la e nos vivificar na fé; quanto mais se sucederem, mais nos aperfeiçoarão e conduzirão à luz e à verdade.

— Um desses Cristos ou Messias já nasceu no nosso tempo, na Terra?
Resposta: Vejo que quereis referir-vos àqueles orgulhosos que só sonham com loucura e dominação, em nome daquilo que há de mais fraternal e sagrado — não passam de vaidosos. Os verdadeiros Cristos que virão não conhecerão bem a sua missão senão depois de a cumprirem, pois é o Espírito que fala por eles. Deus age incessantemente sem nos instruir previamente sobre as Suas vontades.

— De que vivia Cristo?
Resposta: Ele vivia ao dia, do que encontrava no seu caminho e onde as suas inspirações o conduziam; podia, tal como eu poderia no meu estado presente, alimentar-se de substâncias espirituais na falta de alimentos materiais, e ainda assim viveria enquanto esperasse pelo dia seguinte.

— Também se diz que Cristo aparecerá a todos os homens no fim dos tempos, sentado sobre as nuvens.
Resposta: Ele pode aparecer a todos os que tiverem professado as suas doutrinas, pois estarão unidos a Ele segundo o seu desejo. Mesmo aqueles que o crucificaram poderão vê-lo.

— Com base no que nos dizes, é de presumir que algum aperfeiçoamento será trazido à Terra?
Resposta: A Terra será sempre como é; as nossas sensações continuarão as mesmas, pois foram criadas para nos permitir apreciar a harmonia da criação divina. O único e verdadeiro progresso terrestre reside na iluminação dos homens, no conhecimento das verdades divinas, no aperfeiçoamento das suas faculdades e das coisas que utilizam. No entanto, até ao fim, sofrerão de uma forma ou de outra, porque o sofrimento é consequência do caos terrestre. Não há verdadeiro bem-estar a esperar dela, pois o seu papel é o da perturbação. O homem, em tempos, viveu mais do que vive hoje — voltará um dia a essa existência primitiva?
Resposta: Quanto mais o homem avança, menos viverá; os últimos homens mal conhecerão o estado material.

O irmão Devillers solicita a aparição do irmão Grosset, ao qual pergunta se esteve presente no seu funeral.
Resposta: Não, porque não o desejou; se o tivesse querido, teria podido fazê-lo.

O irmão Roustan pergunta se este irmão apareceu realmente, há alguns dias, à sua filha, bem como a uma sensitiva, prometendo aparecer, dentro de um mês, à sua esposa, ao seu sobrinho e à sua família.
Resposta: Pelo pensamento, estou sempre junto das minhas netas, que amo muito; elas poderão ver-me a qualquer momento. No entanto, não aparecerei à minha esposa, e ela

nunca me verá. Digo-vos que estou a começar a orientar-me; fundámos a nossa sociedade espiritual. É o irmão Achille Doisnel quem dirige os nossos estudos, e ajudá-lo-á a elevar-se rapidamente. O irmão Lemoine é um dos mais apegados à Terra e o menos avançado, apesar de, entre nós, ter sido muito instruído acerca do mundo espiritual.

Perguntam-se ainda ao irmão Grosset informações sobre alguns livros e cartas da sua biblioteca. Ele responde que essas cartas representam apenas alegorias relacionadas com os trabalhos herméticos e com os espíritos que protegem esse tipo de actividade; que nada compreenderíamos delas, pois não existe nada de universal nestas alegorias — são fruto da invenção de cada um, que as desenha segundo a sua fantasia, criando uma espécie de escrita pessoal, que só ele é capaz de ler.

Sessão de 29 de Outubro de 1850

O irmão Lecocq pergunta qual o melhor meio contra a hidrofobia.
Resposta: Em primeiro lugar, o magnetismo; depois, esmagar arruda e colocá-la na mordedura; e dar a beber água magnetizada.

O irmão Blesson pergunta:
— Se se sugasse a ferida, o doente curar-se-ia?
Resposta: Sim, haveria cura com fé. Sensível ou não, um doente pode encontrar-se curado. Se o homem não consegue fazer penetrar o fluido, Deus fá-lo, quando o magnetizador O invoca com fé.

DÉCRION, secretário

O SER E A TUMBA – Estudos sobre o Conhecido e o Desconhecido

Pelo final do ano de 1880, vários rapazes brincavam junto ao Sena, em Argenteuil, aventurando-se a subir sobre o gelo que cobria o rio. Um deles, tendo-se afastado mais do grupo, sentiu o gelo ceder sob o seu peso e caiu à água, tentando agarrar-se à beira das placas de gelo, enquanto gritava desesperadamente por socorro. Os seus companheiros fugiram, sem chamarem auxílio, deixando-o entregue à sua sorte. O pobre menino acabou por largar a frágil borda de gelo e afundar-se no desconhecido. Chamava-se Bazin e tinha onze anos de idade. Não descreverei aqui a dor dos seus pais, nem a comoção que se abateu sobre todos os moradores do pátio onde vivia — o seu nome ainda hoje desperta grande emoção.

Este menino era primo de uma jovem chamada Thérèse Dupressoir, que trabalhava em nossa casa. Thérèse tinha uma irmã, mãe de cinco filhos, que vivia no mesmo pátio dos pais do pequeno afogado. Dois dos seus filhos estavam então gravemente doentes; um tinha sete meses, o outro três anos. Este último possuía uma inteligência fora do comum e era o benjamim de todas as mães da vizinhança, onde viviam pelo menos quinze crianças, de várias

idades. Por isso, todos se interessavam vivamente por este menino, que se encontrava num estado desesperador, sem qualquer esperança de recuperação. Thérèse, sua tia, nutria um grande carinho por ele e sentia-se profundamente entristecida ao vê-lo naquele estado. Numa visita que lhe fez, observou-o agitado, como se quisesse afastar algo, enquanto dizia em voz alta: "Não quero, não quero!". Thérèse perguntou-lhe o que não queria, e ele respondeu: "É o Bazin (o menino afogado) que quer que eu entre na sua caixa (entenda-se, caixão), mas eu não quero! Eu não quero!"

Profundamente comovida com esta cena, Thérèse regressou a casa com o coração oprimido e os olhos marejados de lágrimas, contando-nos o motivo do seu sofrimento. Vendo que a criança fora desenganada pelo médico, recusando qualquer alimento ou medicamento, tive a ideia de magnetizar uma garrafa de água e, com essa intenção, invoquei a influência dos nossos bons amigos do além, para que ao menos viessem em auxílio daquele pequeno agonizante, aliviando-lhe as dores, se já não fosse possível a cura. Thérèse levou-lhe essa água, dizendo apenas aos pais que se tratava de uma tisana que lhe faria bem. Deram-lhe de beber colheradas, o menino apreciou o sabor e acabou por consumir cerca de três litros em quatro dias. O delírio e a agonia cederam lugar ao despertar para a vida. Voltou a alimentar-se; ao fim de oito dias, já andava e desceu ao pátio para brincar com os companheiros, que celebraram com alegria a sua "ressurreição".

Contudo, teve-se a imprudência de o deixar exposto ao sol intenso, o que lhe provocou arrepios e o fez regressar à cama, da qual nunca mais se levantaria. O delírio voltou, e novamente viu o pequeno Bazin, que o convidava a entrar na sua "caixa". Desta vez, aceitou sem resistência, mas pediu ao primo que esperasse pela chegada de Thérèse, pois acreditava que ela lhe traria algo que queria colocar no seu caixão. Quando Thérèse chegou, ele reconheceu-a — ainda que já não reconhecesse a própria mãe — e perguntou-lhe se lhe trazia o que ele desejava. Ela, sem saber ao certo o que era, perguntou-lhe o que pretendia, que ela iria buscá-lo. Ele respondeu apenas: "Não sei..." e fechou os olhos, para apenas os reabrir no mundo espiritual.

O seu irmão mais novo, de sete meses, havia falecido oito dias antes.

Observações – Que pensar da persistência com que o pequeno afogado se manteve junto ao seu primo, vigiando todas as fases da sua doença, aguardando o momento certo para o levar consigo na "caixa" que servira para a sua própria viagem ao além? Aquele menino de onze anos nutria profundo afecto pelo primo ainda em vida e, após a sua espiritualização, não conseguia afastar-se dele — prova clara de que a memória das coisas da vida persiste após a morte. O facto de o menino incentivar o primo a entrar no caixão demonstra que percebia aquele objecto apenas como meio de transição. Será esta uma representação ou um ensinamento para os que rodeavam o moribundo, indicando que não deveriam esperar a sua recuperação? Mas quem teria formado este "quadro"? Vemos apenas duas crianças, que não teriam, por si, a inteligência para o fazer com tal propósito. Seriam outros seres a agir? Isso provaria que não estamos sós em nossas casas, e que outros seres ali habitam connosco, mantendo ligações ocultas das quais nada sabemos. Usemos, pois, a palavra mistério para esta questão.

Thérèse ficou inconsolável com a perda do pequeno sobrinho, sentimento que este, certamente, compreendeu. Para a consolar, veio visitá-la por várias vezes nos seus sonhos.

Primeira aparição

Dois dias após o enterro do sobrinho, Thérèse entrou no meu quarto, como fazia diariamente para abrir as portadas. Vi-lhe o rosto descomposto, os olhos pesados e expressão triste. Perguntei-lhe o que se passava. Ela respondeu-me que, embora dormisse sempre bem, naquela noite mal pregara olho: o seu avô e o seu tio, já falecidos, haviam-lhe aparecido, assim como o seu querido sobrinho. Disse-me que tomara o pequeno nos braços e não se cansava de o contemplar, enquanto chorava. Ele, porém, estava alegre, parecia de boa saúde — ainda que muito magro — e dizia-lhe: "Por que choras, Trezinha? Não chores, já não estou doente", e dava-lhe beijos. Estas palavras emocionaram-na profundamente e, ao contá-las, chorava copiosamente. Tentei confortá-la, dizendo-lhe que aquele menino ia agora entrar na companhia dos pequenos anjos e seria mais feliz do que aqui. "Eu sei, senhor," respondeu, "mas eu gostava tanto dele…"

Thérèse, só neste mês, tinha sepultado quatro familiares: o pai, a tia e os dois sobrinhos. Não é de admirar que se encontrasse profundamente abalada, pois era o próprio retrato da dedicação e da ternura.

Eis então um pequeno ser que, no seu despertar para o mundo espiritual, apressou-se a vir enxugar as lágrimas da sua tia e tranquilizá-la quanto ao seu estado.

Segunda aparição

Thérèse sonhou que se encontrava deitada num quarto que reconheceu como sendo o que habitara aos oito anos — há dezasseis anos atrás. Sabia a idade que tinha actualmente, e estranhava que o quarto permanecesse exactamente igual, com o papel de parede e os móveis no mesmo estado de degradação (modesto quarto de operários). O que mais a surpreendeu foi sentir o seu seio a ser sugado pelo sobrinho mais novo, de sete meses, falecido dias antes do outro. Sentia o leite jorrar em abundância, sem compreender o porquê da situação. Maior ainda foi a surpresa ao sentir, deitado atrás de si, o outro sobrinho, de três anos, a quem tanto amava e chorava. Ele olhava-a com um ar traquina, sem dizer uma palavra, com receio de a fazer chorar. Estava viçoso, cheio de vida. Thérèse despertou comovida, como da primeira vez.

TERCEIRA APARIÇÃO

Desta vez, é o seu preferido que vem sozinho, vestido como quando ainda estava vivo, tendo recuperado o seu ar saudável e o brilho intenso dos seus belos olhos. Não lhe dirige palavra alguma, mas encontra-se na casa onde faleceu e percorre o quarto com passo firme, como que a mostrar-lhe que já não está doente. Segue-se o mesmo despertar, a mesma dor.

QUARTA APARIÇÃO

Thérèse encontrava-se a remendar uma camisola, já bastante deteriorada, quando sentiu alguém puxá-la. Olhou, e viu o seu querido "bi", como lhe chamava, que lhe disse: "Dá-a à mamã, ela há de fazer um casaquinho para mim com ela. Ó Crez, dá-ma, dá-ma!" (não

conseguindo pronunciar o nome Thérèse, dizia "Crez"). Ela olhou para a criança, que lhe parecia alegre por andar a rondar à sua volta, aparentando boa saúde. Ao acordar, Thérèse ainda julgava ouvi-lo e exclamou: "Mas onde está ele?"

QUINTA APARIÇÃO

Nessa noite, Thérèse revê os seus dois sobrinhos e o pai deles (que não está falecido). O mais novo encontra-se no berço, muito bem cuidado e limpo, enquanto o outro está na cama num estado lastimável de sujeira. O pai pede-lhe que o limpe. Thérèse sente-se tão enojada que hesita em aproximar-se; só com grande esforço decide tentar tirá-lo daquele estado, mas não consegue, falta-lhe a coragem. Desperta a chorar e, ainda emocionada, conta-nos a visão. Pergunta-nos: "Mas será isto possível?" Respondemos que não, que são espíritos brincalhões a tentar perturbá-la. Tranquilizamo-la dizendo que o seu sobrinho está, ao contrário, em muito bom estado. "Mas porque estava lá o meu cunhado, se ele não está morto?", pergunta Thérèse. Respondemos que talvez tenha sido fruto da sua imaginação. "Mas eu não estava a pensar nele!", retorquiu ela. "Ele parecia tão vivo como vós e eu. Ainda o ouço dizer: 'limpa esta criança'. Mas por que não o fazia ele próprio? Como poderia a minha imaginação criar um homem vivo e falante? E como pôde pôr o meu sobrinho em tão imundo estado? Ora, senhor, isso é muito estranho!" "Não penses mais nisso, minha filha." "Falar é fácil," murmurou Thérèse entre dentes, "fazer é outra coisa…"

SEXTA APARIÇÃO

Em Janeiro de 1882, a nossa clarividente Adèle encontrava-se doente há vários dias, necessitando de alguns cuidados. Naquela manhã, devia aplicar-lhe um cataplasma, que Thérèse, com a sua habitual dedicação, se dispunha a preparar. Porém, cansada da véspera, demorava-se na cama, quando a sua querida amiga Annette — falecida havia quase dez anos — apareceu. Esta Annette, espírito que, numa aparição solicitada através da nossa excelente clarividente Ravet (relatada na *Revue Spirite* no meio do ano anterior, sob o título de *Aparição dupla*), nos havia assegurado que, por vontade própria, entrava no corpo de Thérèse, que muito amava, e nunca deixava a nossa casa, continuando a habitá-la. Thérèse, ainda em sono profundo, já não pensava no cataplasma quando foi sacudida na cama por Annette, que lhe disse: "Ah, Thérèse, já te esqueceste do cataplasma da Adèle? Levanta-te depressa!" "Sim, sim," respondeu Thérèse, passando as mãos pelos olhos, tentando abri-los. "Já vou, já vou, madame Annette."

Este simples episódio prova-nos que o que o espírito de Annette nos disse era verdade: que permanecia na nossa casa e que, por vezes, sem darmos por isso, evitava pequenos contratempos. Este espírito demonstra assim, mais uma vez, o seu afeto e a sua dedicada amizade. Resta saber como se explica tal tipo de existência.

SÉTIMA APARIÇÃO

Na noite de 8 do mesmo mês, Thérèse teve uma visão do seu primo Bazin, o pequeno afogado já referido, criança que ela ainda não tinha visto em sonho. Sonhou que regressava do rio Sena, onde supostamente fora lavar roupa (embora nunca lá vá), com a trouxa de roupa debaixo do braço, dirigindo-se — sem saber como — para a entrada do cemitério de Argenteuil. Lá, viu uma jovem que vendia ramos de flores brancas. Lembrou-se de comprar

três para depositar nas campas do primo e dos dois sobrinhos falecidos naquele ano. Começou a discutir o preço com a vendedora, querendo um ramo maior para o primo, por ser mais velho que os sobrinhos. Nesse momento, o pequeno primo (o afogado), com os seus onze anos, disse-lhe: "Então, Thérèse, já passou um ano desde que deixei a casa!" "Como?", perguntou Thérèse. "Um ano?" "Sim, exatamente hoje", respondeu o menino, aparecendo ali sem que ela o tivesse invocado. Nesse instante, alguém tocou à porta, despertando Thérèse, que ficou com a lembrança viva dessa visão e no mesmo estado de emoção ao relatar-nos a cena.

Perguntamos a qualquer estudante honesto e bem-intencionado: o que pensar desta última visão? É verdade que fazia exatamente um ano desde o afogamento do pobre menino. Thérèse recordou-o ao longo do dia, afirmando tê-lo visto com ar saudável, alegre e vestido tal como no dia do acidente. Como poderá esta criança lembrar-se dessa data com tamanha precisão? Quem preparou aquela cena, que começa junto ao rio e termina no cemitério? Quem falou pela boca da vendedora de flores, que acabou por ceder os três ramos por um franco? Quem falou pela boca do pequeno afogado, senão ele próprio?

Dirão que foi a própria sonhadora? Isso seria atribuir-lhe um poder misterioso incompreensível, pois implicaria que ela discutia consigo mesma o preço que não queria pagar, ao mesmo tempo que fazia o primo dizer coisas que ela própria desconhecia — chegando mesmo a criá-lo do nada. Algo que ela não saberia fazer mais do que qualquer um de nós. Aqueles que tentam explicar tais visões apenas pelo poder da imaginação acabam por alargar, e não restringir, o campo do incompreensível.

A solução para este enigma não é fácil, mesmo para os homens mais perspicazes. Eis-nos perante sete aparições que, cada uma à sua maneira, sustentam a questão da existência do além. Na primeira, Thérèse, que normalmente dorme profundamente, é perturbada pela aparição do avô e do tio, que acompanham o pequeno sobrinho, querendo talvez mostrar-lhe que ele está bem, como eles, feliz e saudável. A criança quer consolar a tia, dizendo-lhe para não chorar, pois já não está doente. Se Thérèse, assombrada pela imagem do sobrinho, tivesse apenas revivido a sua lembrança, tê-lo-ia visto tal como o retinha na memória — e não acompanhada pelos outros dois parentes, cuja presença ela seguramente não desejava naquele momento. Não se colocaria nas palavras daquela criança: "Não chores, Trez, já não estou doente." E sendo eles, aos seus olhos, mortos — e portanto, silenciosos —, como poderia criar seres com voz, com pensamento e intenção? Isso seria assumir o lugar de Deus, criando uma forma de imortalidade que em nada ficaria atrás daquela que supomos existir naturalmente. Seria admitir dois seres num só: um que cria tudo o que o outro toma por realidade, e que o engana continuamente com imagens que, para um, trazem consolo, mas para o outro, apenas dor. Não seria eliminar o maravilhoso destas experiências, mas sim duplicá-lo.

Na **segunda aparição**, Thérèse encontra-se deitada num quarto que os seus pais habitaram há dezasseis anos, e que se conserva tal como era então. Onde se encontra esse quarto? Responder-se-á que se encontra na memória da vidente. Se assim é, tudo quanto vemos e ouvimos na nossa existência permanece na nossa memória tão eternamente quanto possível.

Mas, perguntamos: porque é que os dois sobrinhos de Thérèse se encontram deitados nesse mesmo quarto, junto a ela — espaço que nunca habitaram? Quem os colocou, a todos os três, naquele lugar? E mais: como pode Thérèse amamentar uma criança que nunca amamentou, sendo ela solteira? Se é ela quem cria essas imagens, por que razão se mostra surpreendida e incapaz de as explicar? Porque não se faz falar pela boca do sobrinho, como aconteceu anteriormente?

Oh, vós que quereis explicar todos os sonhos e visões como fruto da imaginação — não vos parece que tal imaginação criadora é, por si, maravilhosa? Não vos convida ela a ser estudada com mais profundidade? Pois, de facto, há aqui uma criação, seja de um modo ou de outro. Conseguireis alguma vez compreendê-la por completo? Não considereis estas criações como inúteis para a vossa formação: sabei que viveis, durante dez horas de cada vinte e quatro, neste santuário criador onde as formações noturnas são tão vivas e duradouras quanto as do dia. Na verdade, são até mais permanentes, pois a vossa memória pode evocá-las em qualquer momento.

Na **terceira aparição**, Thérèse vê o seu sobrinho tal como era em vida: com bom aspecto, vestido como de costume, caminhando diante dela, sem, no entanto, lhe falar — talvez para não a fazer chorar, como já acontecera antes, quando lhe disse que estava bem. Mas, se esta visão fosse apenas uma lembrança, por que razão não seria também acompanhada da palavra? Não podemos duvidar que estas visões, todas diferentes entre si, tenham por intenção convencer a vidente de que o que vê é real, pois não as domina, mas sim as sofre.

Na **quarta aparição**, a cena muda completamente. É inesperada. É uma simples camisola que solta a língua da criança, que a deseja para si. Quem imaginaria compor uma cena tão inusitada, nunca antes vivida, e que por isso mesmo não pode ser a recordação de um facto? Esta cena, em si, só tem interesse por demonstrar a realidade deste género de existência.

Na **quinta aparição**, a situação é ainda mais complexa. É o próprio pai das crianças que as apresenta a Thérèse. Em que estado as apresenta? O mais novo está bem tratado, mas o Benjamin da vidente está num estado repugnante de sujeira, ao ponto de ela se afastar dele. Pretende-se, com esta visão, contrariar a sua preferência? Apaziguar os seus remorsos, que são intensos? Ou, mais cruelmente, aumentar a sua inquietação quanto ao destino do menino? Tal seria desumano. Esta visão não pode, de forma alguma, ser considerada criação da sua imaginação — pois ninguém colocaria voluntariamente o seu ente querido num estado tão deplorável.

Na **sexta aparição**, é o espírito da bondosa Annette que, como já dissemos, amava Thérèse ao ponto de, após a sua espiritualização, afirmar que entrava no corpo desta, tornando-se uma só com ela. Algo difícil de aceitar e ainda mais difícil de explicar. Esta aparição, porém, está carregada de mistério e consolação para aqueles que choram os seus. Não nos alongaremos sobre este tipo de posse espiritual dos corpos materiais. Tal questão não deve ser descartada antes de um estudo profundo.

A **sétima aparição** introduz uma nova vertente de estudo: é um menino — que ainda não havia aparecido a Thérèse — que surge para lhe dizer que, precisamente há um ano, partiu

deste mundo. O que se confirma como verdadeiro. Esta visão, com a cena no cemitério, a compra dos ramos de flores, e tudo o mais, tem o mesmo valor e interesse das anteriores.

Passei grande parte da minha vida a estudar estas questões. Estou grato por isso — não por conseguir elucidá-las todas, mas porque as que consigo compreender confirmam-me, cada vez mais, que somos corpo e alma, muito diferentes do que julgamos ser. E é esse o caminho que desejaria que todos trilhassem — o da consciência. Que se pendure este pobre corpo, que lhe cortem a cabeça, que o empalem, esquartejem, queimem e lancem as cinzas ao vento — nada disso destruirá sequer uma parte dele, e muito menos os pensamentos primordiais que, espalhados pelos quatro ventos pela crueldade humana, rir-se-ão da sua vingança e da sua execução. Elas — as ideias, as essências — afastam-se apenas dos homens. E com isso ficam em paz, agradecendo-lhes por as terem libertado da prisão, da presença, da vaidade estúpida e da tirania humanas.

Evocação do Espírito de Léon Gambetta

No dia 12 de Abril de 1883, um amigo meu, o Sr. L..., pediu-me que evocasse o Espírito de Gambetta, para lhe colocar algumas questões. Imediatamente o fiz, com o auxílio da minha clarividente Adèle. Eis o resultado dessa evocação:

1.º Quando a clarividente se encontrou em estado de responder, pedi-lhe que chamasse junto de si o Espírito de Gambetta. Assim que o viu diante de si, perguntei-lhe se teria a amabilidade de responder a algumas perguntas que um amigo desejava fazer-lhe.
Resposta: "Falai", disse o espírito.

2.º **Pergunta:** Tendes consciência do vosso estado actual, e da vossa passagem da existência material para a espiritual?
Resposta: "Sei que estou morto."

3.º **Pergunta:** Desde que mudastes de estado, mudastes também a vossa maneira de pensar?
Resposta: "Penso como pensava; creio estar com a razão."

4.º **Pergunta:** Continuais a ocupar-vos de França e do seu destino?
Resposta: "Moderadamente, pois nada posso fazer, e não me compreenderam."

5.º **Pergunta:** Acreditais que a República triunfará sobre os seus inimigos?
Resposta: "Claro, se ela não triunfar, é porque não quis. Fui acusado, mas eu conhecia o meu mundo, conhecia o burguês. Nem sempre pude fazer o que queria. As pessoas acreditam, acreditam... mas nem sempre se consegue aquilo que se quer!"

6.º **Pergunta:** Acreditais que a Alsácia e a Lorena nos serão restituídas, seja por compensação financeira ou pelas armas?

Resposta: Eis o ponto central dos meus pensamentos. Era a minha vontade. Não fui compreendido. Isso não acontecerá tão cedo — há demasiada fraqueza. Se tivesse sido devidamente apoiado, hoje já o teríamos alcançado.

7.º Pergunta: Acreditais que se obterá uma revisão adequada da nossa constituição através das duas Câmaras, ou será necessária uma Assembleia Constituinte?

Resposta: Chegar-se-á lá por meio de um emaranhado de palavras e de questões inúteis. Há um homem que se opõe a isso: Ferry. As coisas não se darão como se deseja.

8.º Pergunta: Que pensais dos distúrbios políticos em geral, e dos financeiros em particular?

Resposta: A questão financeira é a única realmente preocupante. As coisas não se passam de forma honesta. Fui muito acusado, mas nunca cometi os actos que hoje se praticam nesse domínio.

9.º Pergunta: Acreditais que a existência terrena e as nossas acções dependem de nós ou da influência oculta de outro mundo?

Resposta: Derivam de uma corrupção generalizada da Terra, e não de uma influência espiritual.

10.º Pergunta: Desde que o vosso corpo nos deixou, quais são os afectos e ocupações da vossa alma?

Resposta: Viajo bastante e assisto a sessões. Noto nelas uma falta de energia, uma espécie de amolecimento cerebral. Tinha apenas uma ambição: a fortuna. Fui favorecido. E, além disso, fui um tribuno afortunado! Parti deste estado demasiado cedo. Vou agora assistir ao Conselho.

Adèle dá conta de que este espírito já não está presente. Não faço observações sobre esta sessão; reservo-as para mais tarde.

Segunda evocação do mesmo espírito — 30 de Abril de 1883

As respostas dadas na sessão anterior pelo espírito de Gambetta tornaram necessário obter esclarecimentos adicionais, que me propus buscar. Eis o resultado dessa segunda evocação.

Quando Adèle entrou em estado sonambúlico, pedi-lhe que chamasse novamente o espírito de Gambetta, a fim de lhe colocar as perguntas seguintes.

Prólogo: Espírito benevolente, tivestes já a gentileza de responder a algumas perguntas que vos dirigi em nome de um dos vossos amigos. Permiti-me, agora, colocar-vos algumas em meu próprio nome e dizer-vos, antes de mais, que fui um admirador da vossa conduta heróica durante a guerra de 1870-71. Em vós via não apenas um nobre patriota, mas também um liberal segundo o meu coração. Mudei, no entanto, a minha apreciação a vosso respeito pelos motivos que passo a expor. Peço-vos que não vos ofendais, pois isso destruiria a ideia que faço do vosso carácter franco e leal. Aceitais responder às questões que me afastaram de vós?

Resposta: Continuai.

1.ª Pergunta: Conhecíeis melhor do que ninguém a armadilha montada por Thiers em Paris, com o objectivo de provocar resistência? Foram feitas vítimas à sua vontade, como nos seus antecedentes na rua Transnonain e em Junho de 1848. Por que suspendestes a influência que tínheis sobre as Câmaras, pedindo a amnistia tão tarde?

Resposta: Não conheceis os homens da Comuna. Não me pareciam suficientemente calmos para regressar. Vedes bem, desde o seu regresso, os distúrbios que causam à sociedade! Eu conhecia-os, e não os estimava.

2.ª Pergunta: Após a queda de Mac-Mahon, por que fostes tão generoso para com ele, Broglie, Buffet, Mirebel e outros, não querendo que fossem julgados?

Resposta: Se os tivéssemos levado a julgamento, estaríamos perdidos! O exército estava contra nós, assim como a burguesia. Um rei teria emergido dessa confusão. Era mais prudente não avançar mais. Levar os ministros a julgamento implicava arrastar também Mac-Mahon e os generais do exército que estavam comprometidos com Mirebel. Vede onde isso teria conduzido a França.

3.ª Pergunta: Por que razão, no mesmo dia em que foram absolvidos, não aproveitastes para pleitear, em contrapartida, a causa da amnistia?

Resposta: Receava-a. Não me parecia o momento oportuno.

4.ª Pergunta: A vossa animosidade contra esses homens poderia não ser justificada. Poderíeis ter baseado o vosso julgamento em certos factos lamentáveis ocorridos durante a existência da Comuna. Mas, sabendo, como acabo de vos dizer, que Thiers foi o instigador, e sabendo também o quanto esses homens haviam sofrido durante o cerco; e tendo visto, em Bordéus, a má disposição daquela Câmara — que, certamente, não era do vosso agrado — não decorriam dessas observações algumas circunstâncias atenuantes?

Resposta: As vossas observações sobre este assunto são demasiado extensas. Eu conhecia melhor do que vós esses homens — e não os estimava.

5.ª Pergunta: Por que motivo, aquando da vossa última eleição por Belleville — que, é verdade, estava algo agitado convosco devido a desilusões relativas ao vosso primeiro programa, mas que não o suficiente para vos retirar a confiança — insististes para que a presidência ficasse com os vossos? Tal atitude reacendeu dúvidas quanto ao vosso autoritarismo e levou a protestos que poderíeis ter evitado com palavras sábias e conciliadoras. Mas, ao vos esquecerdes de vós mesmo como o fizestes, tais dúvidas espalharam-se a todos e acabaram por vos acusar de tendências ditatoriais.

Resposta: Amava Belleville. Cheguei a contribuir com o meu próprio bolso. Aprendi a conhecê-lo melhor. Vós não compreendeis, vejo-o agora, o que se passou naquela noite maldita. Houve uma conspiração contra mim — inclusive contra a minha vida. Se não tivesse sido protegido e rodeado como fui, não teria saído vivo daquela armadilha!

.ª Pergunta: Não terá sido vossa retórica insultuosa a incitar essa exaltação?

Resposta: Só lhes falei nesse tom depois de ter percebido a insolência com que fui recebido. Quando me ferem, encontram-me!

Adèle entrou no mesmo estado de agitação em que se encontrava este espírito, pois dirigiu-me a palavra com grande secura, dizendo: "Vais continuar com as tuas perguntas, mesmo vendo que não sabes nada do que realmente se passou?"

7.ª Pergunta: É em teu nome que me fazes essa observação? Interrogo-o justamente para corrigir o meu juízo sobre Gambetta. Tu sabes o quanto eu estimava esse homem, e quanto gostaria de não o julgar duramente neste dia. Deves compreender que me entristeceria desagradá-lo.

Resposta: Não respondo em meu nome; tu sabes que penso como tu a seu respeito. É ele quem não aprecia ser questionado dessa forma. Ele diz: "Teria sido necessário estar no meu lugar, conhecer o que eu conhecia; os homens que me rodeavam pareciam-me pequenos, turbulentos, egoístas. O povo, ingrato e inconstante, não sabia o que queria; quantas acusações levantou contra mim, quanta vingança trazia no coração!"

8.ª Pergunta: Porque é que o vosso jornal, *La République Française*, redigido, acreditava-se, sob a vossa influência, entrou em oposição com a esquerda, dando a entender um recuo que assustou os patriotas mais íntegros?

Resposta: Eu não era o único inspirador desse jornal. Não é fácil dirigir o pensamento alheio e agradar a todos! Quantas coisas nos fazem dizer, que nunca sequer pensámos!

9.ª Pergunta: Por que motivo, ao formar o vosso ministério, vos rodeastes de figuras como Mirbel, Weiss, Galiffet e outros considerados algozes do povo, sem apresentardes qualquer outro programa senão a revisão e o voto por lista? Deveríeis ter previsto que esse tipo de votação, embora desejado por muitos, nunca seria aceite pelos que tinham interesse em conservar o seu mandato — pois esse método eleitoral os teria destruído logo no dia seguinte à sua adoção!

Resposta: Já nessa altura intuía que não teria êxito nos meus projectos, que não seria compreendido, e que não conservaria o poder. Estava profundamente irritado com o povo, que me perseguia incessantemente com acusações nos seus jornais. Quis intimidá-lo, a ele e aos seus representantes, que me criavam obstáculos. Via, com pesar, que só lidava com homens sem valor e ingratos. Sabia que jamais aceitariam os homens da minha escolha — por isso, impus-lhos de propósito. Já só vivia numa agitação constante, e até com raiva contra eles!

Adèle observa que Gambetta lhe parece ter a mente cansada. Diz que, embora tenha sido bondoso, afável e sociável em muitos momentos, também sabia ser colérico e cruel noutros. Não se podia contrariá-lo, e naquele instante, ele encontrava-se num desses estados alterados.

10.ª Pergunta: Por que vos opunheis à separação entre Igreja e Estado? Sabíeis bem que a guerra de 1870–71 fora incitada pelo Vaticano, em vingança pela perda dos Estados Pontifícios, da qual Napoleão III fora o responsável! Conhecíeis o espírito do clero — o

Syllabus era prova disso — hostil às nações que não domina, às ciências que ignora, e às liberdades que combate com ferocidade! Sabíeis, pelo sufrágio universal, quantos eram e que força real detinham — força essa irrisória em termos numéricos. Uma separação discutida com serenidade e provas das suas traições e do perigo da sua influência sobre o obscurantismo rural, teria sido seguramente obtida. Por que não a promovestes?

Resposta: Julgais que essa separação era fácil? Achais que nada havia a temer dessas velhas beatas — sinceras ou fingidas — e dos idiotas que as acompanham à igreja? Não vedes que o estado-maior do exército, a advocacia, os banqueiros e toda a elite social está com os jesuítas? Que o seu ouro é força real? E que esse mesmo povo vil, que tanto "agradeceu" os meus esforços, está ao serviço deles? Vistes bem o que sucedeu — vós, que vos interessais pelos *communards* — aquando da tomada de Paris! Os que, na véspera, gritavam "Viva a Comuna", no dia seguinte eram denunciantes, assistindo com sorrisos às execuções dos seus irmãos. Eram centenas de milhares! Sabei que, em questões como esta, não se deve arriscar nada.

11.ª Pergunta: Por que não defendíeis a abolição do Senado — esse reduto jesuítico — conduzido e dominado por Broglie, Buffet, Simon, Baragnon, entre outros, que deveriam ter sido levados à justiça? Por que insistíeis em proclamar uma maioria republicana a cada eleição parcial daquele corpo, quando, na realidade, o Senado era e é cada vez mais imperialista, monárquico, orleanista, e ferozmente contrário à República?

Resposta: O Senado é um mecanismo útil a qualquer Estado. Torna-se prejudicial quando não há entendimento entre os poderes. Mas sereis forçados a conservar esta instituição.

12.ª Pergunta: Se recebeste de bom grado as perguntas a que tiveste a amabilidade de responder, e se aprecias o espírito justo que as motivou, não guardarás amargura em relação a mim. Dignai-vos acrescentar: que faríeis se ainda estivésseis entre nós?

Resposta: Nada faria, pois conheço agora o que são os homens e quanto valem. Não quero mais ouvir falar de política.

13.ª Pergunta: Na última vez que estivestes connosco, dissestes que partíeis para assistir ao Conselho. A que Conselho vos referíeis? Que influência lá tendes? Como vos manifestais nele? Sabendo que estais morto — e que, em vida, não acreditáveis no estado em que vos encontrais agora —, estado esse que não permite contacto material connosco, como escutais as discussões que ali se travam e nelas participais, por vezes?

Resposta: Referia-me ao Conselho de Ministros, onde me dirigia quando vos deixei. Vou lá como simples observador. Oiço perfeitamente o que se diz, com o auxílio dos ministros — ou seja, através dos seus pensamentos. Da mesma forma, vou agora à Câmara para conhecer o seu espírito!

14.ª Pergunta: Como esperáveis vingar-vos, com o estado-maior que possuíamos, que ainda não sente vergonha pela rendição de Metz, nem pelos estandartes entregues ao inimigo?

Resposta: Não me faleis mais de vingança. Abandonei demasiado cedo o palco político. Mas, se lá tivesse permanecido, teria conseguido recuperar a Alsácia e a Lorena!

15.ª Pergunta: Que poderíamos nós fazer perante um inimigo tão fortemente apoiado pelos clericais, como sucedeu em 1870–1871? Vistes os católicos da Baviera em acção; conheceis bem o discurso proferido pelo pároco de Saint-Denis, aquando da inauguração do monumento erguido à memória dos combatentes do Bourget, onde disse: «*Senhores, a guerra que acabámos de sofrer não foi uma guerra de império contra império, de reis contra reis, de povos contra povos, mas sim uma guerra religiosa!*»

Adèle diz-me: "Ele já não te ouve, partiu. Estava a pisar impacientemente o chão enquanto o escutavas. Não devia ser homem para aceitar contestações. Devia mesmo ser muito orgulhoso. Não sei o que poderia ter feito de bom se tivesse permanecido entre nós, mas posso afirmar-te que, se nos tivesse governado no estado de espírito em que o vejo agora, teríamos sofrido bastante com o seu carácter."

Observação: Esta sessão não me foi fácil de conduzir, pois Adèle, ao incorporar o espírito, usava um tom de voz imperioso, ao qual não estou habituado — ainda mais por me encontrar eu próprio numa excelente disposição de espírito em relação ao espírito evocado. Devo concluir, a partir do que foi dito, que Gambetta já havia cumprido o seu tempo. A sua inteligência, exaurida pelos árduos trabalhos que realizou, pelas lutas fatigantes que sustentou, pelos projectos frustrados e desilusões que sofreu, já não se encontrava no seu auge. Enfim, pelo que acabo de ouvir, partiu da cena governamental no momento certo!